POETICAS

DE

FRANCISCO EVARISTO LEONI.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

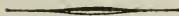
1836

OBRAS
POETICAS.

OBRAS POETICAS

DE

FRANCISCO EVARISTO LEONI.

LISBOA.

TYPOGRAPHIA PATRIOTICA DE CARLOS JOSE' DA SILVA.
Rua d'Atalaia n.º 33 1.º andar.
1836

Musa dedit fidibus Divos, puerosque Deorum,
Et pugilem victorem, et equum certamine primum,
Et juvenum curas, et libera vina referre.

Hor. de Art. Poet.

OBRAS POETICAS.

LIVRO I.

ODE I.

A MARILIA.

Virtutem incolumen...
...quærimus invidi.
Hor. *Lib. III. Ode XXIV.*

Olha, Marilia, como aos ares sobem
Turbilhões de poeira,
Que a rodo partem das ferventes rodas...
Os dous rivaes soberbos,
Qu'entregues á fortuna se contrastam
O premio da carreira,
Fazem voar as rapidas quadrigas,
Que subito partiram.
Cobertos ja de spuma os frisões bravos
Inda não se excederam;
Parecem junctos galopar á méta
De uma só mão regidos.

Terriveis golpes sem cessar lhe imprimem
Os dous competidores:
Mas já vão differindo pouco a pouco,
Já par a par não trotam:
Entre elles finalmente cresce o spaço,
A'vante passa aquelle,
E por arte, ou fortuna chega, vence.
Escuta agora os gritos,
Que em toda a roda o vencedor acclamam:
Atropella-se, corre,
Para admiral'-o, e vel'-o, o immenso povo.
Marilia, eu tambem quero
Tambem quero correr o longo stadio,
E disputar o premio.
Amor me apromptа já o leve carro,
Aonde ufano subo:
Sustento as redeas, o cruel açoute,
E logo me endereço.
Tudo o que faço o meu rival practica:
Marilia, tu te assustas?..
Já sentes palpitar teu brando peito,
E em mim fixando os olhos,
Não deixas escapar um movimento?..
Que receias, ó Bella,
Que não alcance o premio disputado,
Na arriscada carreira?...
Ah! deixa de temer um mau destino
Se o coração me deste;
Eu hei de sempre amar-te, e ser o mesmo,
Vencedor, ou vencido.
Applaude o nescio vulgo as acções grandes,
Em quem as pôem a sorte,
E segundo os mais prosperos destinos
O merito gradúa;

Mas do vulgo que pésa o prejuiso?..
Emb'ora instavel Deusa
Alcançar me não deixe os gratos louros,
Que eu, Marilia, appeteço:
O tental'-o somente é grande e nobre,
O exito não honra.
Se a gloria não colher com mil esforços,
Da fortuna mal-quisto,
Se não aproveitar arduas fadigas,
Tambem não me deslustro:
Ao nauta naufragar não é desdouro,
No pego embravecido,
E em barbaro certamen tambem morre
Nas armas o mais déstro.
Eu hei de sim passar, com nome illeso,
De Charonte na barca:
Nem tu, Marilia, negarás um riso
Ao desvalido amante:
Justiça me farás, que um peito indigno
D'est'arte não discorre.

ODE II.

A SALICIO.

... Nec dulcis amores
Sperne puer, neque tu choreas.
Hor. *Lib. I. Ode IX.*

Porque te privas de gosar, em quanto
Em turbas folga a leda mocidade,
E mil publicas festas de alegria
Nossos ritos nos trazem?

Foge á tristeza, que te opprime, foge,
Meu amado Salicio, que é loucura
Deixar immurchecer os floreos dias,
Que tam breve se apartam.

Ama os prazeres o loução menino,
Qu'inda não bem nas plantas se equilibra,
Tremulo mal se move, mas estende
A mão a qualquer brinco.

Ama os prazeres o curvado velho;
E ainda soltará jucundo riso
Ante a amavel donzella, que o namora,
E zomba à sua vista.

Só tu na quadra do prazer mimosa
Te esqueces de gosar, e não reparas
Que a provida rasão prescreve, ordena
Que espanques dissabores?

Ninguem naturalmente a dor procura,
E se o Bonzo fanatico a dezeja,
A's veses mal-fingido, mas se ao certo
Delicias abandona;

E' facil conhecer que outras demanda,
Que no atilado spirito apascenta:
Que as deiche? tal não penses, sim que as troca,
De nimia usura cheio.

Mais altos gosos te dirá que aguarda,
Se a causa que hoje o move lhe perguntas;
E não por genio, studo, ou natureza
Do deleite se priva.

Mas tu, Salicio, poderás ser Bonzo?
Não, tu não podes sel'-o; tu despresas
Pueris illusões, que elles pregoam
Sempre a fim d' interesse.

Da-te pois ao prazer, que os priscos Numes
Poseram sobre a terra, e não vedaram;
Incensa as aras do prazer, tam gratas
Ao nosso Baccho, e a Venus.

Desvela-te em gosar, e tem presente
Que um dia que perderes, um minuto,
Não tornarás a achar, inda que off'reças
Milhões ao rei dos astros.

ODE III.

A GLAUCESTE.

... Nec turpem senectam
Degere, nec cithera carentem.
Hor. *Lib. I. Ode XXXI.*

Com tardo e frio pé o hynverno agreste
Hyspidos gelos amontoa, e calca;
E as grossas nuvens, qne no ar fluctuam,
Os altos montes róçam.

Olha, não vês como tremente, e curvo
Aquelle velho do cajado pende? ..
Parece que arrastar só póde a custo
O peso que ora o verga.

Da vida, que mal sente, desgostoso
Já de todo se enfada, e afasta, e engeita
Os pequeninos netos, nem co'as moças
Se mostra mais humano.

Ah! póde tambem ser, que um tempo venha,
Glauceste, em que eu dos annos curve ao peso;
Porêm não me verás viver inerte
Velhíce descontente.

Co'os frios dedos vibrarei as chordas
Da minha lyra sonorosa e branda;
E um canto, inda de amor, mas desleixado
Ferirá teus ouvidos.

Talvez que as bellas, e os mancebos zombem:
Dirão: *Aquelle velho nos faz riso;*
Mas tambem era velho Anacreonte,
E de amores cantava.

Com tudo se meus sons já debeis forem,
Na idea ao menos gravarão imagens
Dos floreos tempos, que em louvor de Lilia
Cantava, sendo moço.

ODE IV.

A MARILIA.

... Hoc est
Vivere bis vita posse priore frui.
MARRT. *Lib. X. Epigr. XXIII.*

QUAM deleitosos bosques e arvoredos
Cercam estas collinas!
Sobre as margens amenas deste rio
Apenas se ouvem agradaveis cantos
De alegres passarinhos.

Aqui, nutrindo idéas do passado,
Vuluptuoso respiro
A frescura que as arvores annosas
Detém de baxo dos copados ramos,
Que os zephyros embalam.

Não te lembram, Marilia, ah! não te lembram
Aquellas brandas noites
De um amoroso enlevo, que passámos,
Com falas mixturando doces bejos,
Ardendo, e suspirando?

Ah! foi de baxo d'este verde myrto
Que mil vezes me deste
De ternura, e de amor ingenuas provas,
Que os ternos coraçòes nadar sentimos
Em vivido transporte.

Sem temer invejosas testemunhas,
E occultos, e ignorados,
Livres do austero, do enfadonho pejo,
Sem disfarce, e receio se explicaram,
Nossos mutuos amores.

ODE V,

OU

HYMNO A' NOITE.

Noite melhor que o dia, quem não te ama?
Quem não vive mais brando em teu regaço,
Despindo d'alma, e dos cançados membros
O dia affadigado!
FIL. ELIS.

ESCUTA, ó Noite magestosa, as tristes
Endeixas, que uno á lyra:
Escuta meus saudosos pensamentos.
Feliz quem te contempla
Na tua doce, e lugubre tristeza;
Quem teus influxos gosa.
Tu és alivio salutar d'aquelle,
Que iniqua Venus punge:
Tu doces commoções infundes n'alma
De quem ausente vive.
Nas horas tuas meditando véla,
Em seu retiro o sabio.
A'tua volta o caçador, que a calma
Soffreu do sol diurno,
Deixando os campos vai gosar da sposa
Ternissimos affagos.
O mais doce cantor da natureza,
O rouxinol suave,
Em quanto reinas doces sons modula,

Em solitaria fonte,
Cujo ruido trepido ouvir deixas,
Nos mais distantes valles.
Em quanto com as azas os ceos corres
No firmamento vemos
Os orbes scintillar: quem não conhece
A graciosa Venus?
Quem não se apraz olhar Calisto, Arcturo,
E o languido Bootes!
Por ti aquelle impaciente espera
A quem formosa amante
Prometteu encontrar, em sitio agreste,
Do seu casal visinho.
Por ti mil veses suspirou saudoso
Gentil pastor da Caria,
Que entre sombras envolta descer via
Do argenteo carro a Deusa,
Com quem amores entretinha occulto,
Nas cavernas de Lathmos.
Por ti suspiram namoradas turbas
De timidas donzellas;
E tu co'o manto tenebroso encobres
Suave amor furtivo:
Tu mil suspiros em segredo escutas,
E encaras doces scenas.
Ouves a ingenua confissão da Nympha,
Qu'inda nas trevas córa,
Que um bejo nega, mas consente um bejo
Arde, delira, e treme.
Em teu silencio magestoso accorda
A bella, que entre sonhos,
Figurava abraçar, no casto leito,
Gentil mancebo amado.
O engano vendo encara as mudas trevas,

Suspira, as mãos estende,
E voluptuosa as roupas apertando
Sobre o peito tremente,
Um osculo lhe imprega, e julga, e pinta
Que o terno amante abraça.
De mil venturas promovendo idéas,
Como attento te aguarda
O misero captivo, a quem minoras
Malfadada existencia?
Tu és, tu és ao Deos de amor propicia,
E os proprios Numes te amam.
Amam-te agrestes rusticas Deidades,
Nas brenhas escondidas:
As Dryadas, os Satyros, e os leves
Chóros das alvas Nymphas.
Eu, que de amor arrasto os grilhões duros,
Que em teu manto mil veses
Achei aos gostos meus suave abrigo,
Em Dionea gruta
Melancolicos sons te dou, nutrindo
De Marilia saudades.

ODE VI.

AO HYNVERNO.

Informis hiemes reducit
Juppiter ; idem
Summovet.

Hor. *Lib. II. Ode X.*

Eis torna o frio Hynverno, e se amontoam
As nuvens, que em chuveiros se desatam :
O mar sôa na costa,
E com medonhos escarceus investe
Os marinhos cabeços.

Pelos serros inhospitos o vento
De quando em quando as arvores sacode;
Pavidos, e balando,
Fogem do prado os recentaes, e buscam
Nos redís acoutar-se.

Pelas vertentes fundas d'alta serra
Se despenham mil chorros estrondosos ;
Os sons dos crebros raios
Retumbam com fragor nos rotos valles,
Formando surdos ecchos.

Repentino tufão, nos ares solto,
Abate duros freixos, pinhos quebra:
Co'as tumidas enchentes
Os rios trasbordaram, e as montanhas
De gelo se vestiram.

Entre tanto de Jove a mão propicia
Não obra nunca extremas inclemencias:
Dos homens protectora
As mil estragos de annuaes hynvernos
Poem marcado limite.

E em quanto troa o vento, e cahe a chuva,
Em nosso lar acceso preparamos
Saboroso magusto,
Contando chacras, e bebendo alegres,
Em roda divertida.

ODE VII.

SOBRE A MORTE.

Escripta em um Cemiterio.

.....Nullum
Sævæ caput Proserpinæ fugit.
Hor. *Lib. I. Ode XIII.*

Ah! Nossa lei tam dura!
Depois da noite escura
Do mortal somno eterno
Jámais torna esta luz, que a vida via.
Fer. *Tom. I. Lib. II. Ode II.*

Que profundo silencio habita, e cerca
Este jardim da Morte!
Abafados os ramos não se mechem,
Nem respirar se atreve o mudo vento.

Escuro manto a noite pavorosa
Tem no mundo estendido;
Os meus olhos em vão a luz procuram,
E já me sinto de escutar cançado.

E' a Morte que existe, que domina,
Que em torno a mim voltêa:
Filha da noite, que atropella, e calca
Os entes todos do universo mundo.

Este é o mésto, e pavido silencio,
Que, nos campos de Marte,
Succede ao estrondo dos clarins, das armas,
Que da Morte annuncia o estrago horrendo.

Então frios cadaveres despersos
Sam restos da peleja:
Cessou o toque altivo dos tambores;
Já se não ouve o rincho dos cavallos.

Este é d'altas ruinas de um castello
Silencio, que só reina:
Aonde está o som d'eburneas harpas?
Aonde o movimento dos torneios?!...

Hai! misero, que penso! E um dia, um dia
Virá tambem, ó Julia,
Em que os teus mimos, os teus dons celestes
Devam ceder a um barbaro destino!

Então teus lindos olhos, tua bocca
Serão materia informe;
Já não existirá teu brando riso,
E, extincta a falla, guardarás silencio.

ODE VIII.

DESPRESO DA GLORIA.

Je ne veux point d'une gloire penible.
PARNY.

Eu não pretendo merecer os louros;
E as honras de Poeta:
Não pretendo de sabio ter renome,
Entre gentes remotas.

Conheço que esta gloria só se alcança
D' improbo esforço á custa;
E que mil veses da fadiga o premio
Na vida se não gosa.

Enleva-me ser sabio, porem sel'-o
Sem gloria tam difficil:
Ser sabio para ser feliz na terra,
E' mais apreciavel.

Eu sei gosar independente, e livre
De applausos, e louvores:
Nem carro de triumpho pagou sempre
Os damnos, que o compraram.

Se apartado do vulgo audaz, profano
Doces versos componho,
Sam versos, que me inspira a minha musa
A' fama não votados.

Com elles desterrar tristezas posso;
Esquivo-me aos revézes
Da acintosa fortuna, e dou alivio
Do coração ás magoas.

Se ardor canicular o polo accende,
Amavel Cintra eu busco,
Pelos zephyros brandos agitada;
E em ocio contemplando

Da Lusa Tempe as naturaes bellezas,
Os mobiles arroios,
Exempto de ambição, povôo a mente
De ideas de ventura.

E quando de uma bella no regaço,
Em recondito abrigo,
Languidos bejos mollemente colho
Dos labios animados;

Ou sobre os nivios melindrosos peitos,
Que comprimidos tremem,
E que resistem aos lascivos toques,
Doces horas consumo;

Eu d'esta gloria só fico contente ; (*)
Nem louvores me arrastam
Do vulgo, e sem temer a morte zombo
Do sabio, que não gosa.

(*) *Este verso é de Ferreira.*

ODE IX.

A JULIA.

Me tamen urit amor.
VIRG. *Ecl. II.*

Não existe na terra um peito humano,
Que amor vencer não possa:
E' justo galardão, que elle somente
Formou a essencia nossa.

E' doce instincto amor! soffrem seu jugo
As mesmas cruas féras:
Provam n'elle delicias, e não acham
As suas leis severas.

Emb'óra contra amor, emb'óra um sabio
Ostentasse defesa:
Fazia-o por capricho, por orgulho,
Mas não por natureza.

Se audaz philosophia ao duro Stoico
Prescrevesse o contrario,
Amara com furor, e até fugira
De ser amante vario.

Eu amo, que de amor me não defendo,
Nem tanto conseguira
Quem chega a ver teus olhos, tuas faces,
Por quem amor suspira.

Eu sigo amor por natureza e studo,
E n'elle gloria faço:
Amo-te, ó bella Julia, e n'isto mostro
Não ter um peito d'aço.

ODE X.

A H**

Que me tinha feito presente de um lindo quadro de VENUS, *que ella propria desenhara.*

O' Dea cèrte!
VIRG. *Ænei. II.*

NYMPHA, por cuja mão (assombro d'arte)
Mais do que nunca portentosa e bella
A Deusa dos amores
Se vê com fieis tintas retratada.

Dize que doce premio recebeste
Da Deusa, que em teu peito derramando
Torrente d'almo goso,
Novo ser te concede, e faz ditosa?

Mostra-me a digna preciosa prenda,
Que outorgar-te deveu benigna Venus,
Vendo, por vez primeira,
Do rosto as graças fielmente expressas.

Ah! serias tambem capaz com tintas
De me pintar ao natural os gostos,
Os vividos prazeres,
Com que ella te compensa a obra insigne?

Primorosa Donzella, que em teu seio
Só tens pinturas taes; basta o retrato
Que de Venus fizeste,
Para mais que uma Deusa eu adorar-te.

ODE XI.

Ao Sr. B. M. Curvo Semmedo.

Te doctarum hederæ præmia frontium
Dis miscent superis...

Hor. *Lib. I. Ode I.*

Eu li teus versos, e senti ao lêl'-os
O encanto da harmonia:
Senti no styllo teu de amor a phrase,
E o gosto delicado.
E's placido regato, que serpêa
Por entre paphias rosas;
Ou dorme á sombra de copada murta,
Se Anacreonte imitas.
E's rio impetuoso, que se arroja
Do cume dos rochedos,
E rompe, e fórça os diques encontrados
Na rapida corrente,
Se em vivas explusões de enthusiasmo,
A Pindaro imitando,
Rúes estrepitoso, audaz, immenso.
Sorri-se o augur Phebo,
Quando com arte inimitavel pintas
De Bassareu prodigios,
Alegre insania de festivas orgias.
Trepidam arduos montes,

Susurram vastos sonoros bosques,
Com o rumor perenne
De vagas plantas, de agitados tyrços.
Qual próle de Japéto
Roubaste ethereo fogo, com que animas
Das Thyades o quadro,
Aos gregos modos a ficção mais linda!
Devemos-te louvores,
Numeroso Belmiro, que os sentidos
Nos prendes, e arrebatas,
Quando da branda cithera mimosa
Estrahes os sons jucundos,
Com que alça o Tejo a fronte ennobrecida.
Ah! deixa muito emb'ora,
Deixa que a inveja horrifica se morda;
Vai sempre meditando
Novos cantos de amor, prodigios novos:
Mas cantes, ou não cantes,
Desmerecer não podes o triumpho,
E os louros já comprados;
Ferirás, com a fronte sublimada,
As lucidas estrellas. (*)

(*) Imitação de Horacio.

ODE XII.

Traducção da Ode IX do Livro III das de Horacio.

DIALOGO ENTRE HORACIO E LYDIA.

Denec gratus eram tibi &c.

Hor. EM quanto aos olhos teus era agradavel,
Nem mancebo mais bello ao nivio collo
Os braços te lançava,
Mais prospero vivi que o Rei dos Persas.

Lyd. Em quanto sobre todas fui acceita,
Nem Chlóe a Lydia preferencia teve,
Eu Lydia, d'alto nome,
Mais distincta vivi que Ilia Romana.

Hor. Agora Chlóe de Thracia me domina,
Docta no canto, e n'harpa exp'rimentada:
Por quem morrer eu quero
Se á minha bella os fados preservarem.

Lyd. Calais o filho de Thaurino Ornitho,
Me abraza o coração; e emb'ora eu soffra
Duas vezes a morte,
Se a esse moço os fados preservarem.

Hor. Que farás, se tornando o amor antigo,
Discordes nos lançar um ferreo jugo?
Se Chlóe fica em desprezo,
E se abre a porta a Lydia regeitada?

Lyd. Posto ser elle um astro, e tu tam leve
Como a cortiça, e iroso como o Adria,
Viver comtigo eu quero,
Eu venturosa morrerei comtigo.

ODE XIII.

Ao Sr. F. P. C. A. Morgado d'Assentis.

> Quel piacer fra noi si gode
> Che contenta, e non offende,
> Che resiste alle vicende,
> Della sorte, e della etá.
>
> Metast.

Aquelle, que no seio da amizade
Procura acrisolar a essencia d'alma,
Não pode a sorte escogitar revezes,
Que não soffra, não vença.

Emb'ora de aquilões combate horrivel
As entranhas do pélago revolva:
Terá consolação entre os estragos
Do tempo, e da fortuna.

Tu já sabes, já vês que de ti falo,
Amavel Assentís, que aos doces mimos
Da candida amizade dás, entregas
Os momentos da vida.

Em quanto a Patria, ao Despota subjeita,
De pranto ver correr amargos dias,
Não deixas de chorar, mas entre amigos,
Que a ti, que a Patria prezam.

Das lindas graças no jardim viçoso,
Aonde ingenuos amorinhos brincam,
E onde os prazeres um asylo acharam,
Nestes dias infandos.

No flórido jardim, que é teu recreio,
E aonde mão symbolica entalhara
Mysteriosos disticos, que notam
Logares memorandos.

Alli, ou na mansão, a que tu mesmo
Um nome déste, que o retiro indica,
A' tarde, quando o sol a luz modera,
Os amigos te buscam.

Aquelle, cuja orbita prescripta
Equação mathematica não erra,
Leucacio prazenteiro, ás musas grato,
Teus desgostos suavisa.

E em quadro, sempre novo, te recorda
Altas lembranças da vetusta Roma;
Ouvindo-o é facil crer que tens ao lado
Um Pretor, ou Tribuno.

O joven, mas acerrimo studioso,
Que das linguas o pelago commette,
Que na antiga Babel fora escolhido
Interprete da córja;

D'intrincada politica te conta
Revelados mysterios; tu, descrido,
Ostentas refutar contos de bruxas,
Mas sempre ouvil'-os queres.

Aquelle, que de amor, em lyra Eolia,
Cantou prazeres, que o desvelam tanto;
Apologista do deleite e ocio,
Sectario d'Epicuro:

Que só de moças ouvirás que fala,
Quando o sol nasce, quando a noite desce,
Te assegura que a Patria será livre,
E o genio te vigóra.

Esse outro, que discipulo d'Euterpe,
Tambem de amor ás áras ajoelha,
Se avaro voltarete o não embarga,
Ou teimas não suscita;

A'magica viola a mão lançando,
Amorosas canções terão preludio;
Logo nas chordas soará *segredo*,
Segredo que sabemos.

Dést'arte os dias teus, entre os amigos,
Teem brilho, teem sabor a que dás preço;
Nem tu podias, sem iujusta offensa,
Deixar de lhes ser grato.

Sam todos, (que milagre!) em sentimentos,
Iguaes sem differír; moral, e genio
Em um só não discrepa; odeam todos
O tyranno da Patria.

Aquelle, que por orgãos mui sensiveis
Aprendeu a gosar, guardará sempre
No coração o apreço dos amigos,
O apreço da Thebaida.

ODE XIV.

AO MESMO.

Sobre as Calamidades da Patria.

. . . Io triumphe
Non semel dicemus. Io triumphe
Civitas omnis, dabimusque Divis
Tura benignis

Hor. *Lib. IV. Ode II.*

Lysia, que a fronte erguera ennobrecida,
Em dias que envejara a livre Roma,
De Roma escravisada hoje supporta
Os ferreos tempos.

Se os Brutos, se os Catões a Patria honraram,
Se fomos cidadãos, se livres fomos,
Um Despota feroz nos tyranniza,
Peior que Nero.

Monstro de nova especie, ao mundo espanto,
Jurou da Patria a ultima ruina;
E a inveja, a traição, o latrocinio
Ao vel-o folga.

Exulta o crime, e subito ao ceo vôa
A concordia, a união, a liberdade,
Idolos charos, que entre nós se honraram,
Da paz no templo.

Os nossos generaes e magistrados,
Nossos Padres Conscriptos poz distantes
A atroz perseguição, a dura morte,
E o extreminio.

Dos Suevos, dos Vandalos me antolho
Renovar-se a invasão; e hai das sciencias!
Hai do gosto, e das lettras! Choro a Patria
Barbarisada.

Ao desprezo das leis, dos sãos costumes
Succede a corrupção; assim não teme
Modestia e pejo, e publica se mostra
A impudecicia.

Vagam infrenes a deshonra, o opprobrio;
Aos dados o estupro se sortea;
E a infamia sua a meretriz ostenta
Ao claro dia.

Dos sevos bonzos fanatismo, e odio
Civil guerra atêou; consortes charos,
Filhos, irmãos, e paes sanguisedentos
Se denunciam.

Quem pode, sem horror, sem verter pranto,
Meu amado Assentís, olhar as scenas,
As tristes scenas, que promove e causa
O vil Tyranno!

Quanto soffrer devemos, nós que amâmos
Da humanidade as leis; a quem estudo,
E natureza deu virtude, e honra,
E amor da Patria!

Ah! gemem nossos corações afflictos;
Mas não sossobra o animo, não falta
A constancia, e valor, que animou sempre
Grata sperança.

Não temos nós exemplo glorioso
Nesses, que vagam em cruel exilio?..
Soffrem duros inhospitos Britannos,
Mas não succumbem.

Que digo! não viu já o mar d'Atlante
Das nossas armas a vingança heroica?
Não viu voltar a frota fulminada
O Tejo absorto!?

Ah! trema, trema o Despota inhumano,
Que sobre os proprios muros de Ulyssea,
Virão da liberdade os defensores
Vibrar-lhe a morte.

Trema uma vez o coração do monstro,
Antevendo o punhal, que a Patria vingue;
Dest'arte puniu sempre os seus tyrannos
A excelsa Roma.

Mal chegarem tam ínclitos guerreiros,
Affrontaremos a seu lado a morte;
Mas diremos tambem: Viva, ó triumpho,
Viva, ó triumpho!

A Patria salva nos dará mil bençãos;
Teremos no provir um nome honroso;
E inda uma vez diremos transportados:
Viva, ó triumpho!

ODE XV.

A' PATRIA.

Escripta na Ilha Terceira, por occasião do embarque do Exercito Libertador para Portugal.

Nos manet oceanus circumvagus.
Hor. *Lib. V. Ode XVI.*

Ainda um ferreo jugo Lysia opprime,
E os dias seus de horrores sam manchados:
Virtudes sociaes, sacros deveres,
Ainda lá se punem.

Ainda, em negros carceres medonhos,
Alluvião de victimas respira;
Flagicios se decretam, corre o sangue,
E alastra o chão da Patria.

O' Patria! O' doce Mae! que tam afflictos
Temos chorado em barbaro desterro!
Com que magoa te vemos, nós que somos
Teus filhos extremosos!

Nós pobres Lusos, que attestar podemos,
Por nós os longos mares, que affrontamos;
Por nós extranhas terras, que nos viram
Vagar sem domicilio!

E quantas privações e sacrificios
Ainda em nosso abono! Quantas provas
De constancia e valor, para vencermos
Teu improbo tyranno!

Mas eia que já cede ás nossas armas,
Com derrotada fuga o bando iniquo:
Já nos Açôres bicolòr bandeira
Tremúla vencedora.

E breve iremos abater por terra
O fementido stolido tyranno:
Iremos derrotar, além dos mares,
Do usurpador as hostes.

O' Patria, eu te saudo! Nosso esforço
Nossa constancia os ferros vai quebrar-te;
Seremos vencedores! á victoria
Nos leva o grande Pedro.

Pedro, que o nome eternisou no mundo,
Não por haver cingido o diadema;
Mas por ter conhecido, e respeitado
Dos povos o direito.

N'este momento os olhos tem cravados
Em nós a culta Europa, e o Mundo inteiro:
O que faremos em silencio a guarda,
Nem de attento respira.

O que faremos ?. Teem de ouvil'-o os E'vos
Os mais remotos E'vos, com assombro:
Miguel ?! Ao Flagethonte, e ás negras Furias
A Patria o tem votado.

No Barathro, de chofre despenhada,
Se afundará do Monstro a sombra horrenda,
E ao recebel'-o tremerão do Averno
Tres vezes as entranhas

LIVRO II.

ODES SAPPHICAS.

Scribere jussit amor.

Ovid.

ODE I.

Sendo menino, as Musas o encontraram na margem do Tejo, e lhe ensinaram o segredo admiravel da harmonia.

Æolio carmine nobilem.

Hor. *Lib. IV. Ode III.*

Das Deusas nove genial influxo,
Em curtos annos, me inflammou a mente,
E, a amor propenso, consagrei a Venus
    Simplices cantos.

Do patrio Rio na encantada margem,
A' fresca sombra de rosaes amenos,
Inda menino, divagar um dia
Viram-me as Musas,

E olhando a amavel innocencia minha,
E os meus prazeres nimiamente ingenuos,
Em seu regaço me tomaram meigas,
Deram-me abrigo.

E me falaram linguagem doce,
Inda mais doce de que os favos d'Hibla;
Meu peito absorto se inflammou no goso
D'exthase immenso.

Então Erato me explicou preceitos
De uma harmonia, que produz assombros;
» Menino, (disse) musicaes accentos
» Deixo-te n'alma.

» E tu as chordas pulsarás da lyra,
» Que á moça Eolia conferi primeiro;
» Nymphas das margens do teu patrio Rio
» Guardam-te um premio. »

Assim a Deusa me falou benigna:
Foram assumpto de canções singelas
Teus dons, ó Lilia, que eu cantei, compondo
Modulo styllo.

ODE II.

A' LYRA.

Reputa-se feliz, e independende na posse da sua Lyra.

Grata testudo. . . ó laborum
Dulce lenimen.

Hor. *Lib. I. Ode XXXII.*

Acorde Lyra, que venusta Venus
Ornou de myrtos, e festões de rosas;
Querido objecto d'illusões suaves,
D'exthasis ternos.

O'doce Lyra, que feliz me tornas!
Comtigo zombo da fortuna varia;
Zombo dos golpes, com que abrir-me o peito
Despotas pensam.

Emb'ora ferreos corações de stoicos
Teus dons desprezem, portentosa Lyra;
Fujam das graças da vivaz natura:
Rio-me d'elles.

Eu goso, eu goso commoções que inspiras:
Os sons me aprazem do Cantor de Theos;
Sons cuja gloria dissipar não podem
Lubricos tempos.

ODE III.

A MARILIA.

Conta tel'-a vîsto n' um brilhante spectaculo, e dos louvores que alli lhe deram.

D'um si gentil sembiante
Chi non sarebbe amante?
Qual barbaro potrebbe
Mirarlo, e non languir?

METAST.

Entre alvas Nymphas, em airosas danças
Te vi, Marilia, do Jamor nas margens;
Onde concurso spectador formava
Circulo immenso.

Nunca de Paphos nas amenas selvas,
Junctas co'as Nymphas as decentes Graças,
Urdiu tam varias, tam subtis Choreas
Optima Venus.

As leves roupas te ajustando o vento
De teu contorno perfeições mostrava;
E em vão te vimos contrastar portentos
Emula turba.

Com teus applausos retumbava a margem;
E Eccho engraçada repetiu teu nome,
Que nós corremos a entalhar no liso
D'aridos troncos.

ODE IV.

A PHROSINA.

Roga-lhe que venha ao sitio detreminado, aonde ficará, até que a Lua appareça no horisonte.

Parais, ó maitresse adorée!
J'entends sonner l'heure sacrée;

PARNY.

A NOITE acaba d'estender seu manto
Sobre estes vastos, e desertos montes;
Já tudo é sombras, e da selva partem
Funebres pios.

Chegou, Phrosina, suspirado instante,
Em que tu deves demandar meus braços;
Desce, não temas, ao jardim, ah! desce,
Candida Nympha.

Por entre bosques, o aprasado sitio
Busca ligeira, tenteando as sombras;
Ah! não te enganes, que esperar-te uma hora
Seculos julgo.

Quando chegares me darás mil bejos;
Depois no bosque ficaremos ambos,
Até que surja de apartado ponto
Timida Lua.

ODE V.

A' ROSA.

Louva os encantos, e graças d'esta Flor.

Facta Cypris de cruore, deque amoris osculis,
Deque gemmis, deque flammis, deque solis purpuris.
Catul. Pervig. Ven.

O' Flor creada nos jardins de Paphos,
Suave, ingenua, delicada Rosa!
Tu és de amor, em divinaes mysterios
Symbolo d'alma.

Tu tens as graças da amorosa Venus:
Turba de amantes desvelada te honra:
E para as tranças adornar, e o seio,
Buscam-te as bellas.

Entre mil flores, que em risonha vargem
Fecunda a vea de um regato puro,
Mais do que todas graciosa, e linda,
Mostras-te, ó Rosa!

Com teus encantos, e suave aroma
D'almo deleite sensações me inspiras;
Tu és aos olhos de abrasada Nympha
Dadiva terna.

Ah! quando apenas da engraçada Lilia
Nó casto peito te deviso ao longe
Corro, e no sitio que te guarda imprimo
Fervidos bejos.

ODE VI.

Aposta n'um rio: Preces a Amor.

Nam liquidum . . aura secundat iter
PROPERT.

FOGE Marilia, que ligeiras vagas
Como brincando seu baixel desviam;
E vai favonio voador enchendo
Nitida vela.

Eu, mais distante, pequenina barca
Lidando fórço por chegar-me d'ella;
Ou já com remos, ou soltando aos ares
Trémulo panno.

Dá-me, ó Menino de Acidalia Filho,
Dá-me que eu possa navegar ligeiro;
Que, o longo spaço transcendendo, chegue
Proximo d'ella.

Um bejo, um bejo me fixou por premio,
Se, conseguindo recobrar o avanço,
Ambos nós junctos abordar na area
Fossemos breve.

ODE VII.

A' FORTUNA.

Prova a sua variedade, e que só lhe resistirá quem lhe opposer um peito firme.

. . . Passibus ambiguis Fortuna
Volubilis errat.

Ovid. *Trist. Lib. II.*

Diva, que a sorte dos humanos reges,
E que mil vezes, protegendo o crime,
Consentes, fazes que a virtude assaltem
Horridas serpes.

Nós não podemos com audaz intentó
Sacros arcanos descobrir que encerras;
Nem conseguira profundar-te o genio
Augur Apollo.

As leis que forjas, que o universo abrangem,
Podem trazer-nos distinctivo honroso;
Tambem a morte: practicar excessos
Vemos-te, ó Deusa!

Nas obras tuas variando sempre,
Ostentas, vestes de Proteu as formas:
Nem por mais vezes na carreira muda
Hecate a face.

Como no seio da stuosa Lybia
Protervo noto sibilando roja
Montões d'areas, que despersa, e logo
Rapido ajuncta;

E que revolve, que de novo aparta;
Tal, Deusa varia, co' os mortaes practicas:
Os bens, os gostos, que outhorgaste uma hora,
Subito levas.

Mas se nem mesmo prevenir sabemos
As leis, que vedam penetraes sagrados,
Que o tempo forçam, que desunem, quebram
Marmore, e bronze;

Cumpre com tudo repelir os duros,
Que tu nos moves, espontaneos males:
No esforço d'alma, na constancia temos
Rigido escudo.

De Troia em chammas, que de longe via,
Deixando os muros co' o ancião nos hombros,
Ao vento as velas vacillantes solta
Profugo Enéas.

Salva os penates, mas entregue ás ondas,
Ainda as iras de Saturnea soffre;
Vê que lhe é facil encontrar na fuga
Horridos Gregos.

Mas na constancia, no valor firmado,
Ventos, harpias evitar alcança;
E já nas praias de Lavinia cedem
Rutulos povos.

D'est'arte aquelle, que o furor contrasta
De mil revezes com invicto peito,
E entre perigos destemido guarda
Animo forte;

Póde, ó Fortuna, desviar teus damnos,
E alfim co' o tempo demudar-te a face;
Qual se acobarda não merece nunca
Prospera ver-te.

D'est'arte eu mesmo, de teu mando escravo,
Busco em alivio te antepôr constancia;
E ao fel amargo me ajunctar veem nectar
Impares Musas.

ODE VIII.

Descripção de Hynverno: Conselho a Chlóris.

De vapeurs le ciel est chargé,
L'eclair a dechiré la nue.

PARNY.

O rio leva caudalosa enchente,
E vêem-se os montes branquejar de neve;
Os troncos todos distillando soltam
Frigidas gottas.

Na terra as folhas enroladas, seccas,
Que torvo noto despregou dos ramos,
Despersas rojam, e conter parecem
Albidas perlas.

Esta campina, que mil flores teve,
De gelo toda se cobriu agora;
E os passarinhos, que em redor cantaram,
Acham-se mudos.

O som jucundo de amorosas flautas,
Que n'estes valles resôou mil vezes,
Já não se escuta; do trovão somente
Ouvem-se os bombos.

ODE IX.

Volta da Primavera: Louvores do ocio.

. . . Redeunt jam gramina campis
Arboribusque comæ.

Hor. *Lib. IV. Ode VII.*

FUGIU o hynverno; de spontanea relva
Se veste a falda do visinho monte:
Gorgeiam aves, e de em torno as folhas
Zephyro brinca.

Toma, Glauceste, graciosa flauta,
Que em almos dias consagraste a Lilia;
Os sons lhe adoça, d'harmonia espalha
Languido accento.

Em quanto os bosques resoar fizeres,
Eu, mollemente recostado á sombra,
Horas de inercia passarei, notando
Rapidas scenas.

Verei as Nymphas de teus sons guiadas
Virem no prado renovar choreas;
E ao longe, em gruppos, applicar o ouvido
Timidos Faunos.

Sobre alcatifa de recentes flores
Virá por vezes bafejar-me o rosto
De leves auras viração benigna,
Halito doce.

Ao ocio amavel, que idolatram Musas,
Neste meu peito firmarei altares;
De Cypria vendo renascer nos entes
Candido influxo.

E, prenhe a mente d'illusões suaves,
Aos sons que formes sentirei ao longe,
Por varios modos, responder com echos
Concava gruta.

ODE X,

OU

HYMNO A VENUS.

. . . Rerum naturam sola gabernas.
Lucr. Lib I. de Rer. Nat.

O' tu, que brilhas na cerulea sphera
Por entre os orbes desferindo o curso,
Risonha Venus, que no carro tiram
Nitidas pombas.

Tu com teus fogos natureza inflammas,
Principio, causa d'ineffaveis gosos:
Em teus encantos do horroroso Marte
Quebram-se as iras.

Prazer, delicias do universo inteiro,
Tens em Cythera permanentes aras:
Em Gnido, em Lesbos, e Amathunta, e Paphos
Queimam-te incensos.

D'almos amores gracioso bando
Vôa a teu lado, coraçòes ferindo:
Cercam-te as horas, e o prazer, e as nuas
Charites bellas.

De teu fadado mysterioso cinto
Chovem delicias de attractivo enleio;
Cantor Meonio nas douradas chordas
Alça-lhe o preço.

Na florea quadra, que verdura veste,
Sentem as aves teu influxo brando;
E tu, tu propria fabricar lhe ensinas
Commodos ninhos.

Ceruleos monstros, que no mar se occultam,
Despem fereza teu ardor provando;
E no ôco busio, que Tritão embocca,
Geram-se amores.

No casto peito de innocente virgem
E's tu quem move do prazer desejos;
Por ti rendida com suspiros solta
Languidas falas:

E anhela, e arde que acanhado amante
Com mão lasciva lhe desvende o seio;
Que doce o toque, saciando a furto
Avidos bejos.

Se nas canções do namorado Grego
Qual nectar foram de teus labios mimos,
E' que no peito lhe infundiste, ó Venus,
Intima flamma.

Da Lesbia Sappho na cadente lyra
Versos de fogo por Phaôn sôaram;
Effeito grato, de que origem fôra
Dadiva tua.

Mas hai! que em zelos viu tornar seus gostos
A irman das Musas da brilhante Grecia,
Em quanto em ocio te enviava aos astros
Floridos hymnos.

Abandonada nas Trinacrias ondas
Tentou sem fructo penhorar o moço;
E inda por ella de Leucate as rochas
Tacitas gemem.

O'tu, que és causa da existencia minha,
E de quem pende meu prazer mais doce;
Tu, qué me podes conceder na terra
Prosperos dias;

Permitte, ó Venus, que de amor no gremio
Desfructe o bejo da influencia tua,
Que eu te prometto consagrar na lyra
Impetos d'éstro.

ODE XI.

A SEU PAE.

Roga-lhe que cesse de opprimil-o com maximas austeras, contrarias aos seus prazeres.

— Nec. . . .
Largiora flagito.
Hor. *Lib. II. Ode XVIII.*

Não mais, ó velho venerando e sabio,
O meu sensivel coração flagelles:
De teus preceitos a moral restricta
Veda-me o goso.

Se tu a vida gerador me deste,
E me educaste nos mimosos annos,
Com mão cuidosa, qual cultor que tracta
Morbida planta:

Se não poupaste paternaes desvelos
Para que um dia venturoso eu fosse,
Hoje me roubas o prazer que trazem
Floridos tempos.

E hai! que em mim queres suffocar o doce
Feliz instincto da natura amavel;
Queres que innato sentimento morra
Gelido n'alma.

Por teus discursos ás ficções mais doces
Succedem sempre de pavôr imagens:
Foge o deleite, que por tenras fibras
Liquido côa.

Ah! não presumas que do vicio escravo
Curruptos gostos famulento anhelo;
Que no meu peito da virtude o germen
Prospero vinga.

Porem a mente sensual te pede
Do ocio de amor a fruição lasciva;
E o doce encanto do prestigio, que almos
Exthasis gera.

ODE XII.

AOS SEUS SOCIOS.

Convida-os para festejarem a Baccho.

Nunc est bibendum; nunc pede libero
Pulsanda tellus.

Hor. *Lib. I. Ode XXXVII.*

Eia, Mancebos, celebremos hoje
O grato Numen protector de Naxos:
Eia, que o tempo meneando as azas
Rapido foge.

Todos em roda de alvoroço cheios,
Tendo nas mãos de Bassareu as taças,
Dèmos aos risos, á alegria dèmos
Fulgidas horas

ODE XIII.

A SALICIO.

Recommenda-lhe que é preciso revezar os encommodos da vida com os mais agradaveis prazeres.

Fugiret invida
Aetas: carpe diem, quem minimum credula postero.
Hor. *Lib. I. Ode I.*

As feias parcas de amargor encheram
Os breves dias da existencia nossa:
Mil vezes temos de atalhar solestes
Physico estrago.

E raro, raro por extremo aquelle
Que nunca offensa recebeu da sorte;
Que irosas syrtes affrontou, largando
Turgidas velas.

Mas que servira com piedoso pranto,
Com hais inuteis fatigar a Jove?..
Somente males accrescer faria
Supplice rogo.

Em quanto os dias fugitivos passam
Exultem nossos corações, Salicio,
Com Baccho imberbe, co'a fagueira Venus
Doure-se a vida.

ODE XIV.

A MARILIA.

Louva-a por sua formosura, e por seus talentos admiraveis.

Ella canto em meus versos amorosos,
Qual Petrarca na Lyrica Vauclusa
Cantava a sua Laura.

FILINT. ELIS.

Uns lindos olhos de modesto brilho,
E anneis, e tranças onde amor se enleia,
Já teem por certo valioso preço,
Amam-se muito.

Mas tu, formosa singular Marilia,
A mil portentos de belleza rara
Reunes inda de atilado engenho
Fulgidos dotes.

Teu genio cheio de cultura, e graças
Do vulgo os nescios prejuisos prostra:
Zomba dos medos de Acheronte avaro;
Nutre-se livre.

No studo ameno das brilhantes Musas
Ganhou tua alma delicado gosto:
E puro corre de teus doces labios
Attico styllo.

Se a voz no canto modulado afinas
Nossos ouvidos titillar te fazes:
Abala o peito voluptuoso encanto,
Incitos notam.

Ao ver teus olhos vencedores, lindos,
A teu imperio corações se rendem;
Na terra Deusa te inaugurarão aras,
E amam-te os Numes.

ODE XV.

A' MESMA.

Louva-lhe principalmente os olhos, e reputa feliz quem por ella for amado.

Questi son que'begli occhi che mi stanno
Sempre nel cor con le faville accese.

PETRARCA.

Esses teus olhos, singular Marilia,
Doces affectos insinuam n'alma;
Mil e mil vezes ameigar conseguem
Tetricas iras.

Quando commigo conversando em ocio,
Em mim suspendes mansamente a vista,
Sinto nas vêas penetrar vehemente
Subito fogo.

Feliz aquelle, que por ti ardendo
A furto alcança teu olhar benigno:
As mudas falas, com que amor exprimes,
Dizem-lhe tudo.

ODE XVI.

A' MESMA.

Na morte do seu Canario.

...Deliciæ meæ puellæ
Quem plus illa oculis suis amabat.
CATUL.

MORREU aquelle passarinho amado,
Teu doce enleio, teu prazer, Marilia,
E o rosto, e o peito virginal te inunda
Fervido pranto.

Com mil soluços, com amargas queixas
As duras parcas de teu mal encrepas:
Não é mais bella pranteando Adonis
Incita Venus;

Quando o mancebo na montanha extincto
Achou banhado no purpureo sangue;
Que n'alva còxa lhe entranhara as prezas
Horrido monstro.

Assim, Marilia, consternada chóras;
Assim saudosa tua dor se exprime:
Comtigo as graças, e os amores vertem
Lagrymas tristes.

Ah! Quem podéra mitigar-te as magoas!
Quem conseguira na mimosa face
O solto pranto te enxugar co'o fogo
D'intimos bejos!!

ODE XVII.

A' MESMA.

Annuncia-lhe que parte para a guerra: consola-a na esperança de voltar victorioso.

> Ecco la tromba. Ah questo
> E'il segno di partir.
> MATAST.

Ouves, Marilia, como ao longe sôam
Trepidos rufos, e clarins sonoros?!..
E'este o instante de correr ás armas;
Move-se a guerra.

Deixar-te cumpre; libertar a Patria
Vamos das garras da oppressão tyranna;
Vamos ser livres! — Esta voz somente
Animo infunde.

Porem que vejo? nos teus lindos olhos
Borbulha o pranto que humedece as faces?
Ah! não, não chores, voltarei trazendo
Prosperos louros.

E então em paz te narrarei os trances
Em que mil vezes me exposer á morte:
Ver-te-hei tremer, e me darás piedosa
Valido premio.

ODE XVIII.

A' MESMA.

Despede-se partindo para longas viagens.

. . Nobis habitabitur orbis
Ultimus a terra terra remota meâ.
Ovid : *Trist. Lib. I.*

Eu vou, Marilia, desferindo velas
Sulcar as ondas do oceano immenso;
Expor-me á furia dos tufões, que o vasto
Pelago assanham.

Fugindo á Patria, q̃ escravisa um Monstro,
Vou ver extranhos apartados climas:
Entre suspiros de afflicção cortados
Deixo-te, ó bella!

Hai! que inda ignoro qual propicio instante
Ao patrio ninho me trará ditoso!
Se tanta gloria não vedar primeiro
Invida morte.

Turba-se a mente desfallece, e pasma
Vendo-me prestes a deixar teus olhos;
Adeus dizer-lhes, e partir cortando
Tumidas vagas.

LIVRO III.

ODES SAPPHICAS.

Scribere jussit amor.

Ovid.

ODE I.

Ao Snr. F. P. C. Morgado de Assentís.

Acha-se nas margens do Tamisa: Lembra-se de objectos charos ao seu coração.

Tam longe da ditosa Patria minha!
Cam. *Sonet. C.*

Tu, qu' inda moço na cadente idade
As leis seguias d'Epicuro ameno,
E em aureos versos celebrar sohias
Candidos gosos;

Tu, que nutrindo sensuaes dictames
Da vida as horas aos prazeres davas:
E dos fantasmas do outro mundo rias,
Sceptico amavel:

Entre os amigos nos festins da tarde,
Quando julgares eucontrar-me agora,
Não hasde ver-me, que proscripto corro
Tumidos mares.

Vim onde as aguas do Tamisa fluem,
Turbas, e frias por despidos campos;
A's hyperboreas regiões, que enluctam
Turbidos ares.

Aqui sentado sobre erguida rocha,
Tomando a Lyra, que de amor foi prenda,
A ignotas gentes assombroso solto
Flebile canto.

Perdi a Patria, meu saudoso ninho;
Perdi amigos, e perdi Natercia;
Porem sou livre; resgatei meus pulsos
D'improbos ferros.

ODE II.

Recorda-se de Lilia, e reffere os prazeres que passou com ella.

O' dolci sguardi, ó parollete accorte,
Or fia mai 'l dich' io vi riveggia, ed oda.

PETRARCA.

LILIA, que em annos juvenis brilhava,
Na Patria minha meus amores era:
Os seus encantos, a modestia sua
Lembram-me, e chóro.

Que doces horas na pintada alcova
Luctei com ella, sem que a amor cedesse!!
Como lidava recatando as niveas
Turgidas côxas!

Mas já sem forças se rendeu, foi minha;
E entre soluços, affogueado o rosto,
Deu ao seu charo vencedor na bocca
Murmuros bejos.

A esta noite succederam outras,
Que Lilia enchia d'ineffavel gôso:
Já nos seus braços me apertava ançiosa,
Era-lhe acceito.

Prazer tam mutuo permittia o tempo,
E amor, e a verde mocidade nossa;
E eu das delicias esgotava a sorvos
Languida taça.

Porem da Patria, que opprimiu um Monstro,
Fugi, chorando voluptuosos dias;
E entre estes Getas vim buscar errante
Hospito asylo.

ODE III.

Regresso á Patria.

— La recúa,
La cáe a turba infanda ... Aqui resoam
Os hymnos da victoria.

FILINTO ELis.

O vento as velas favoravel incha,
E em breve a area bejarei devoto;
Que lingua humana terá sons, que tanto
Jubilo exprimam!

Os patrios montes já descubro: oh! salve,
Salve tres veses suspirada Patria!
Terra, que agora tingirá dos monstros
Livido sangue.

Já já na area batalhões se formam,
E a turba iniqua dos reveis recúa;
O duro bronze, vomitando estragos,
Horrido trôa.

Por vezes tentam as servís cohortes
A's nossas armas antepôr barreira;
Baldado esforço; de uma vez despersas
Chovem-lhe raios.

O' Patria és livre: teus grilhões quebrámos;
Na historia temos glorioso nome,
Nome que aos évos levará remotos
Posthuma fama.

ODE IV.

A CORINNA.

Depois de cinco annos de apartamento.

O' ciel que de candeur, de grace, de beauté!
Ducis.

Torno teus olhos a encontrar, ó Nympha,
Depois de um lustro de continua ausencia;
E absorto n'elles estremeço, pasmo,
Sinto-me louco.

Vi-te e deixei-te na venusta quadra,
Em que teus peitos virginaes apenas
Iam nativos a altear, ganhando
Ambito breve.

Então brincavas co'o pequeno Alcippo;
E na campina tam veloz corrias,
Que mais depressa não transpõe as vagas
Rispido Euro.

Sem que perdesses a innocencia amavel
Dos labios soltas voluptuoso riso:
E as novas graças, que hoje tens, me tocam
No intimo d' alma.

ODE V.

A MARILIA.

Lembra-lhe que foi seu primeiro mestre no ensino de amor.

Sed tum præcipue, cum fit amoris opus,
Tunc te plus solito lascivia nostra juvabat;
Crebraque mobilitas, aptaque verba joco.

Ovid. *Her. XV.*

Eu fui, Marilia, teu fecundo mestre
De amor suave nas lições primeiras:
E nunca um outro preceptor tam grato
Exito obteve;

Nem houve alumna que tam docil fosse;
Então tres lustros não completos tinhas,
Mas nos teus olhos do prazer ja claro
Viam-se assômos.

Em meus dictames iniciada apenas
Tua innocencia concebeu temores:
Pudor amavel colorou as tuas
Candidas faces.

Mas um suspiro desprendeste d'alma,
Suspiro ancioso de um amor primeiro:
O teu ingenuo coração sentia
Intimo abalo.

Tu meus preceitos sensuaes cumpriste,
E me apertaste com ardor nos braços;
Nem déste um grito, nem banhou teu rosto
Madido pranto.

ODE VI.

A NIZE.

Sésta calmosa: ideas de voluptuosidade.

... Caretque
Ripa vagis taciturna ventis.
HOR. *Lib. III. Ode XXIX.*

O SOL do nosso meridiano passa,
E já declive no horisonte brilha:
O ar estúa; nem benignas auras
Trepidas rugem.

Vagando em ocio pensativo, e doce
Vim nesta veiga recostar-me á sombra;
Aqui na idea mil prazeres pinto,
Foge-me o tempo.

E amor em doces sensações tornado
Pôem n'este peito voluptuoso assento:
Ao seu delirio sensual me entrego;
Exthasis sinto.

Vem, minha Nize, trigueirinha, e bella,
Traz o teu leque de pintadas cores;
Com elle em facil movimento abranda
Intima calma.

O mar ao longe prateado fulge,
E as leves cimas do pomar não tremem;
O sopro adusto do suão intenso
Cresta-me a face.

Mas gratas sombras cahirão depressa:
E d'entre as selvas rugidor favonio
Virá pôr crespas ondasinhas n'este
Limpido lago.

ODE VII.

Encontra a sua amada nos bosques: assusta-a, e não a pode socegar.

Tu combattais...
Mais le combat fût bien-tôt terminé.

PARNY.

Eu vi fugindo virginal Deidade
Sumir-se juncto de ruidosa fonte,
E logo quiz imaginar que alguma
Nayade fosse.

Mas tendo em roda perscrutado o sitio,
Tendo indagado sinuosa gruta,
Te achei, Phrosina, n'um violento susto,
Pallida, e fria.

Dos invios bosques na extensão vagavas,
Quando de longe descobriste um vulto;
» Numes! valei-me; » proferiste, e logo
Rapida corres.

Do teu amante tam veloz fugiste
Qual leve corça, que presente o golpe;
Ou qual a Nympha, que de perto os rudes
Satyros seguem.

Mas bem que eu seja teu pudor se teme:
„ Ah! se eu em bejos perigasse apenas!.. „
E logo o excesso da imprudencia tua
Timida increpas.

Aos meus desejos antepôr tentaste
Votos, promessas, que cumprir fugias;
Julga tu mesma qual de nós forjava
Perfido engano.

Da cava gruta com rubor saiste,
Da face alli a pallidez deixando;
Tornaste a mesma, só teu peito ainda
Trepido estava.

ODE VIII.

A um Myrto plantado por Marilia.

Ta feuille est mobile, et trembrante:
Tu me peins l'amour que fremit.

Ducis.

Viçoso arbusto, que Marilia bella
A meus amores consagrou benigna:
Ao qual mil vezes dirigiu tam doce
Candido rogo:

„ Cresce depressa, recendente Myrto,
„ Que á tua sombra me verás um dia
„ Do meu amado decorrer nos braços
„ Lubricas horas. „

Ah! tu creceste no mais breve tempo;
Porem Marilia desleal não volta;
E em vão brincando nos teus verdes ramos
Zephyro a chama.

ODE IX.

A um Ribeiro cerrendo no seio de uma gruta.

Ruisseau peu connu, dont l'onde coule
Dans un lieu sauvage et couvert.
DUCIS.

TAM doce corre por macio leito
Este Ribeiro fugitivo e claro,
Que só parece remedar das aves
Timido canto.

N'esta do tempo carcomida lapa,
Aonde as aguas veem trazer seu curso,
Agrestes Deuses enganar procuram
Credulas Nymphas.

Na lisa pedra, que termina a gruta,
De musgo e hera revestida em parte,
De amor os Faunos esculpir vieram
Simplices lettras.

Aqui um dia passeando eu trouxe
Phrosina bella, meu amor primeiro;
E esta lembrança me desperta e causa
Vivido gosto.

ODE X.

Festas de Baccho, e Venus; preferencia das ultimas.

Repetez ces jeux seduisans,
Ces pantomimes amoureuses,
Et ces danses voluptueuses,
Que portent le feu dans le sens.

PARNY.

Eu amo, ó Nymphas, presidir ás festas,
Que nós com tyrços a Lieu sagramos;
Gostoso vendo borbulhar em taças
Rubido nectar.

De folhas d'hera coroado a fronte,
Delicias próvo no licor de Baccho;
E os gritos nossos na montanha ouvindo
Satyros folgam.

Mas sinto ainda mais prazer ao ver-me
Da nossa Venus nas solemnes festas:
Entre esses gruppos, que ordenados formam
Rapidas danças.

Quando por meio de subtis choreas
Posturas noto, que o desejo inflammam;
E alva donzella sobre mim suspende
Languida vista.

O ardor suave que me accende o peito
Jamais me inspiram turbulentas orgias:
Crebro sonido nos ouvidos freme,
Turba-se a vista.

E se descendo magestosa noite
Prazeres dobram que natura inspira;
Se dos sentidos no tropel vehemente
Exthasis próvo:

Por doces bejos de engraçada Nympha,
Que me namora, que suspira, e treme,
De Chio ou Lesbos sensual engeito
Bacchico sumo.

ODE XI.

Chegada da noite: Festas nocturnas.

La nuit amène et l'audace, et l'espoir.
BERNARD.

Phebo nas ondas percepita o carro,
E ja da noite virações respiram:
Movem-se as folhas, e no limpo occaso
Hespero fulge.

Junctai-vos, Moços, ordenai choreas
De amaveis Nymphas, a que amor vos prende:
Folgai, que o tempo vos concente agora
Tacitos furtos.

Entre prazeres de necturnas festas,
De alegres danças no tropel confuso
Aos ternos gostos, e vontades vossas
Rendem-se as bellas.

Em quanto choro de veloces Nymphas
A terra pulsa co'a lasciva planta,
Das mãos travando carinhoso aperto
Ousa-se tudo.

E quem ousara recear-lhe enfado
Por leve causa de amoroso toque?.
Vá longe o susto; colhereis, Mancebos,
Duplices louros.

Propicio o tempo se deslisa e passa;
Eia junctai-vos em fragrante bosque,
E á luz incerta da crescente Lua
Urdam-se danças.

Das virgens bellas resisti ao pejo;
Falsos rigores antepôr costumam;
E á mais esquiva se desprende e solta
Avido cinto.

ODE XII.

Exprime a saudade que lhe causa a vista de um logar delicioso, aonde na infancia brincou com Salicio.

Hic gelidi fontes, hic mollia prata . . .
Hic nemus . . .

VIRGIL. *Eccl. X.*

Pois torno a ver-vos, pequeninos bosques,
Risonhas vargens, pictorescas, lindas!
Campo onde eterna primavera ostenta
Florido viço.

Aonde as aves á profia encantam,
E criam n'alma sentimentos novos;
Onde das aguas o rumor perenne
Murmuro sôa.

Salve, fragrante variada, e florea
Mansão campestre, que habitei menino;
Aonde á sombra divaguei das tuas
Arvores bellas.

Aqui da infancia nos mais gratos dias
Brinquei mil vezes com Salicio imberbe;
Salicio a cujas perfeições se unia
Indole amavel.

Aqui no seio da vivaz natura
Candido, ingenuo se nutriu meu peito:
Despoz-se aos golpes, que jurou vibrar-lhe
Perfido Numen.

ODE XIII.

Contemplação dos astros: Sensações diversas que esta vista lhe causa.

Aqui o imaginar se convertia
N'um subito chorar, e n'uns suspiros
Que rompiam os ares.

CAM. CANÇ. XIII.

QUANDO de noite taciturno Tejo
Escuto apenas trepidar n'area;
E n'elle a face da serena Lua
Tremula brilha.

Sinto agitar-me commoção gostosa,
Que se insinua, se derrama n'alma:
O mudo aspecto da tranquilla noite
Causa-me encanto.

Ah! quantas vezes contemplando os astros,
Nutro saudades de Marilia bella!
Então de triste borbulhar nas faces
Lagrymas sinto.

Co'os olhos fixos na azulada sphera,
Attento vejo scintillar Bootes:
Descubro Arcturo, Cassiopea, e noto
Lucida Venus.

Ao vel-a o terno coração palpita;
Intenso fogo se me atèa n'alma:
E entre deliquio contra amor lhe faço
Languidas queixas.

ODE XIV.

O Sonho na Gruta.

Grato. . . sub antro.
Hor. *Lib. I. Ode V.*

Juncto d'aquella fontezinha amena,
Onde, Marilia, teu rosal plantaste,
E onde costumam mitigar a sede
Timidas pombas:

N'aquella mesma solitaria gruta,
Aonde em ledos agradaveis dias
De meu amor as expressões singelas
Placida ouviste:

Hontem, n'um sonho, figurava ainda
Ver-te em meus braços desleixada, e bella;
Cuidava dar-te na jucunda bocca
Solitos bejos.

Ah! como em gostos ideaes me illudo!
Tu és ingrata; nem sequer te lembram
Aquellas rosas que tractaste, e que ora
Languidas murcham.

ODE XV.

A MARILIA.

Reffere-lhe um caso singular, e roga-lhe que torne ao primitivo amor.

. . Scrive
Scrive quel che vedesti.
PETRARCA.

Por entre bosques de azinhal immenso
Acaso o sitio deparei, Marilia,
Onde mil vezes ao prazer achámos
Tacito abrigo.

Lá vi o tronco de abatido freixo,
Que nos servia de amoroso encosto:
Lá vi signaes, que destruir não pòde
Rapido tempo.

Teu doce nome q̃ tu mesma abriste
No liso tronco de patente faia,
De folhas d' hera duplicadas voltas
Tinham-no occulto.

N'aquelle tronco reflectindo attenta
Verás que os Deuses esconder quizeram
Teu nome ingrato, que sellado tinha
Valida jura.

Marilia, ó tu que desleal me foste,
De novo ao sitio deleitoso torna;
Vem de ternura renovar mysterios,
E exthasis d'alma.

Ao tronco infausto, q'infiel te pinta,
Vem com mão justa derrancar a rama;
Vem nos meus braços desmentir aquella
Barbara affronta.

ODE XVI.

A' MESMA.

Accusa-a de ingratidão, e assegura-lhe que ainda è tempo de tornar ao amor antigo.

Ah ritorna, amato bene,
Ah ritorna al primo amor.

METAST.

Já da primeira mocidade os dias,
Que eu mesmo aos jogos festivaes sagrára,
Por tua causa vi correr, perjura,
Languidos tristes.

Entre suspiros, e afflições acerbas
Fugiu a parte dos melhores annos;
Perdi um tempo, que debalde aos Numes
Misero peço.

A lyra, as danças, e os festins, e os jogos,
E d'alvas Nymphas os amores faceis
Deixei sem custo por teus doces risos,
Candidas falas.

Tu és a causa, deslial Marilia,
A doce causa de meu mal infando;
Tu de ciumes infernaes me encheste
Horrida taça.

Ah! tu não podes reparar j'agora
A dor acerba, que pousou n'esta alma;
Nem largos annos, que sem ti, Marilia,
Seculos foram.

Porêm que digo, se teus lindos olhos
Eu mesmo entendo que obrarão prodigios?
Teem os teus mimos ante o mesmo Jove
Valido preço.

Vem, q'hoje em dobro te idolatro, ó Nympha,
Vem, qu'inda podes reparar taes perdas:
Aureos instantes pagarão a doce
Divida tua.

ODE XVII.

A' MESMA.

Descripção da Noite: ouve ao longe os maviosos sons de uma flauta: quer indagar a causa, não o consegue, e julga ser encanto.

Sub nocte silenti.
CLAUD.

Reinava a Noite nos extensos valles,
Que o campo cortam de Tubucci (*) brando:
Nascia a Lua, que andear fazia
Lucido o Tejo.

Da Noite as frescas virações sopravam,
Movendo as folhas dos subtis salgeiros,
Que sobre as aguas do paterno Rio
Tremulas pendem

Tudo era mudo: já cessado tinham
Os vãos latidos do fiel rafeiro,
Que n'outra margem vigilante guarda
Rustica porta.

---

[*] Abrantes.

Marilia, eu cheio d'illusões, e crendo
Ouvir-te, e ver-te de prazer folgava;
Da noite o ócio me antever fazia
Magicas scenas.

Cuidava, ingrata, que meu rogo ouvindo
A fé quebrada renovar querias;
Que tu, tu mesma por signal me davas
Osculo meigo.

E em novos gostos me enlevava, quando
Escuto ao longe, no interior da selva,
De meiga flauta portentoso accento
Languido echo.

Que mago encanto! que prestigio occulto!
Não ouvi nunca modular tam doce!
Pan não faria resoar mais branda
Mellica flauta.

Suppuz com tudo, que de amor escravo
Assim as magoas algum Deus caprino
Carpisse cheio de paixão, velando
Tacita noite.

Já corro ao sitio, já perscruto a selva,
E nada encontro, nem já ouço as vozes;
Dos sons só creio destinguir ao longe
Ultimos restos.

Fiquei, Marilia, reflexões fazendo
Neste mysterio, que attingir não pude:
Cruzei os braços mudamente olhando
Pallida Lua.

Ah! não foi isto da illusão effeito;
Só foi encanto, com que o Deus menino
Quiz requintar de meu amor funesto
Incitos fogos.

ODE XVIII.

A SALICIO.

Acha-se ao mesmo tempo captivado de dous objectos differentes: consegue deterral'-os, e torna-se depois insensivel.

L'amour n'est plus, l'amour est eteint pour la vie:
Il laisse un vide affreux dans mon ame affaiblie;
Et la place qu'il occupait
Ne peut être jamais remplie.

PARNY.

Em pranto os olhos, e em delirio a mente
D'extranha lida repousei no braço;
De amor, que spira, reluctar sentindo
Ultimo esforço.

Eu pude, eu pude me vencer, domar-me,
E os rôxos pulsos resgatar dos ferros;
Mas inda á força de paixão vehemente
Lagrymas pulam.

Eu vi uns olhos, e o meu mal foi vel'-os:
De Lilia os annos juvenis, e as graças,
No meu sensivel coração moveram
Subito espanto.

No seio d'alma pulsação violenta
Os membros todas abalou nutante;
Mas hai! que Lilia de antemão forjara
Vinculo terno.

Ao seu amante perjurar não ousa,
Nem dar-me um dado coração podia:
Eu ardo, eu quero lhe fugir, mas lucto
Canço-me, e cedo.

De antigos laços seductor encanto,
Magos surrisos de Marilia bella,
Já não podiam captivar meu peito,
Tinham-se extincto.

Ou antes feia repetida offensa
De seus amores me apartara outr'ora;
Eis cupidinho voador me entrega
Candidas lettras.

Sam della, ó Ceos! e assim contem: » Eu parto
» Vou longos mares percorrer, tu sabe
» Que te amei sempre, n'este *a deus* t'ojuro
» Barbaro amante. »

Aos Ceos um grito de terror desprendo,
Remorso, e dor e frenesi me agita:
De antigo incendio pelas veas lavra
Liquido fogo.

Eu corro, e os passos impedir-lhe quero;
Mas tu, Salicio, juncto ao mar me dizes:
» A tua amada já lá vai cortando
Murmuras vagas.

Subito os olhos no horisonte crávo,
E ainda as velas descobrir figuro;
Mas sam vapores, e da luz refracta
Cega-se a vista.

Qual fria statua permaneço immoto;
Mas tu me arrancas do logar funereo;
Tu meseguras, que os joelhos ambos
Tremulos dobram.

D'atroz delirio no primeiro instante
O doce nome de Marilia invoco;
Mas outra idea se offerece, e n'alma
Incitos move.

Ao forte embate de paixões intensas
De dor transido me encurvei chorando;
E de assim ver-me se doeu a mesma
Rispida Venus.

Emfim do abysmo me arranquei eu mesmo;
Mas destruí o sentimento n'alma:
Abri, rasguei um coração que ainda
Trepido bate.

Cessei de amar, ou não amar supponho:
Fez-me insensivel para sempre a sorte:
Amor partiu, mas me deixou no peito
Horrido vacuo.

LIVRO IV.

A MORTE DE PRIAMO.

Episodio extrahido do Livro II da Eneida.

Forsitan et Priami fuerant etc.

Talvez que pelos fados me perguntes
De Priamo? Depois qu'elle observara
A queda infausta da captiva Troia,
Arrombadas as portas do palacio,
E já no centro d'elle o inimigo;
Armas d'ha largo tempo desusadas
Debalde o velho ajusta sobre os hombros
Tremulos pelos annos, e cingindo
Um ferro inutil, de buscar se apressa
A morte, entre os immensos inimigos.
A ceo aberto, em meio do palacio,
Havia um grande altar, e juncto um velho
Loureiro que sobre elle se encostava,
E co'a rama os penates abrangia.

Hecuba, e suas filhas em vão junctas
N'este logar se achavam, quaes fugaces
Pombas, quando rebenta a tempestade,
Dos Numes as imagens abraçando.
Como ella visse Priamo coberto
D'armas de joven: » Misero consorte,
» Que mente infausta te obrigou (diz ella)
» A essas armas cingir, e aonde corres? . .
» De um defensor qual és, de um tal auxilio
» Não ha mister o tempo; não, nem mesmo
» Que o meu Heitor agora fosse vivo.
» Rufugia-te aqui; esta ara a todos
» Será de asylo, ou morrerás comnosco. »
Tanto que assim falou, juncto o recebe,
E pôe o velho no sagrado assento.
Entre tanto Polites, um dos filhos
De Priamo, encarando em Pyrrho a morte,
Entre as lanças, e a turba dos contrarios,
Pelas extensas galerias foge
E percorre ferido os longos pateos.
Pyrrho com ferro infesto o segue em ira,
E já colhendo-o ás mãos lhe imbebe a lança.
Tendo chegado sem acordo á vista
E á presença dos paes cahiu por terra,
E em sangue envolta derramou a vida.
Então Priamo, posto que patente
Visse a morte, com tudo não se obsteve,
E nem á voz pôe freio, nem á ira.
Diz não obstante: » Os Deuses (se há piedade
» No cêo, q̃ isto olhe,) a digna recompensa,
» E o merecido premio te confiram
» De um crime, e arrojo tal, que de meu filho
» Fizeste que patente eu visse a morte,
» E co'ella a face paternal vexaste.

» Não d'este modo practicou commigo,
» Bem que inimigo eu fosse, o bravo Achilles,
» Esse de quem figuras ser gerado;
» Mas ao direito, e á fé dos infelices
» O respeito guardou, e o corpo exangue
» De Heitor não quiz privar da sepultura:
» A mim mesmo o enviou, ao proprio reino.»
Assim o velho dice, e a debil lança
Frouxo lhe arremeçou, que resilindo
Logo no rouco bronze, sem proveito
Fica no alto do escudo pendurada.
 Pyrrho lhe torna então. » Dar conta d'isso
» Vai a Achilles meu Pae, por mensageiro;
» Nem te esqueça narrar-lhe os tristes feitos
» De um filho, que hoje d'elle degenera.
» Agora morre. » E assim dizendo o arrasta
Juncto do mesmo altar, onde trepida,
E escorrega no sangue de seu filho.
Co'a sinistra os cabellos lhe segura,
Co'a dextra arranca a espada relusente
E até aos copos lhe escondeu no lado.,
 De Priamo tal foi a extrema sorte:
E este successo lhe roubou a vida,
Vendo Pergamo em terra vendo Troia
Feita em cinzas. Outr'ora senhor d'Asia,
Fero com tantos povos e dominios,
Na terra jaz agora um grande tronco;
Separada dos hombros a cabeça,
E sem ter nome o corpo inanimado.

LEONIDAS.

Assumpto tirado da Historia Antiga.

Dulce et decorum est pro patria mori.
Hor. *Lib. III. Ode. II.*

Heu pietas! Heu prisca fides!
Virg. Ane. VI.

Xerxes dos Persas rei, d'altivo e fero
Conquistar decediu a Grecia inteira.
Nos dilatados campos da Tarchinia,
Marchando á frente d'esquadrões iniquos,
Se avança das Termopylas na entrada.
Cobrem o campo todo as armas suas:
Poder nenhum oppor-se-lhe atrevera.
Com tudo formidavel Leonidas
Corre, e pretende desputar-lhe o passo;
Não por meio d'innumeras phalanges,
Não oppondo-lhe forças poderosas:
De tresentos guerreiros protegido,
A entrada das Termopylas defende.
Então Xerxes propõe ao rei de Sparta:
» Se queres, Leonidas, entregar-te,
» Eu mesmo te darei o Grego Imperio. »
Mas da Pythia o oraculo infallivel
Prognosticado tinha n'outro tempo:
» Briosos cidadãos da illustre Sparta,

» Vossa potente armigera Cidade,
» Por um, que de Perseu for descendente,
» De crepitantes chammas será pasto,
» Ou a morte de um rei d'Herculea stirpe
» Terá de prantear Lacedemonia. »
Leonidas responde com firmeza:
» Eu quero morrer antes pela Patria,
» Que dar-lhe a escravidão. » Xerxes raivoso
Decide castigar audacia tanta,
E investe denodado os Espartanos:
Porem frustrados sempre seus esforços
Cem vezes é vencido o feroz Persa.
O filho de Dario finalmente
Reconhece o incognito caminho
De cuja entrada no total segredo
Dependia da Grecia a segurança.
Furioso de subito accommette,
E espalha o susto no inimigo campo.
N'este momento os Gregos em conflicto
Nas entranhas das victimas votivas
Procuram conhecer final successo.
Envoltas inda em sangue ellas lhe indicam,
Que a vida perderão em breve espaço
Os Gregos, que as Termopylas defendem.
Então victorioso Leonidas
Para o grande combate se prepara,
Que sabe ser da vida o derradeiro.
Com ferro duro os fortes Espartanos
Cortam por entre as hostes incursoras,
Lançando n'ellas o terror, e a morte.
» Ainda aqui não é (com voz tremenda
Bradava Leonidas aos soldados,)
» Ainda aqui não é que o dever nosso
» Nos manda combater! A'vante, ó Gregos!

» Penetremos na tenda do Tyranno,
» Arranquemos-lhe a vida abominosa,
» Ou pela patria pereçamos junctos. »
A'semelhança de leões feroces
Os Gregos obram d'heroismo assombros
Por toda a parte fulminando a morte;
Mas ella já tambem os envolvia.
Sem lanças uns combatem co'as espadas,
Outros já sem defesa, e succumbindo,
Inda c'os braços, e co'as mãos peleijam.
Coberto de feridas, e de gloria,
Por mil guerreiros Leonidas vale:
Deante d'elle os barbaros recúam,
E rompendo por entre espessas filas,
Na tenda do Tyranno se arremeça,
Arranca-lhe o diadema, cahe, e morre.

Ao Senhor J. C. P.

EPISTOLA.

— Eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram.

Cam. *Lus. C. I.*

Se entre as lidas, Senhor, do honroso Marte,
Cujo caracter firme desempenhas,
E desse gráu brilhante, onde risonha,
Propicia, e facil te subiu fortuna,
E teus merecimentos te firmaram,
Um momento prestar o ouvido podes
A quanto gratidão me infunde n'alma,
E quer dever forçoso que eu te sagre
Das musas na amenissima linguagem,
Ouve meus versos, cantarei teu nome.
Não é lisonja quem me faz na lyra
Gostoso celebrar os teus louvores;
Detesto a adulação como detesta
Ave nocturna os Apollineos raios;
E nunca um vão thuribulo movera
Para incensar-lhe os perfidos altares.
Mil dotes immortaes que em ti diviso,
Mil candidas virtudes que te adornam,
Teu valor marcial, teus nobres feitos,

Me tecem o laurel fastoso, e grande,
Que offerecer-te vou em metro ameno,
Ah! nem preciso de ficções brilhantes
Para exornar, engrandecer meus versos;
Da caballina as flores sam inuteis;
E a singela verdade inda sobeja
Prestando assumpto a meu subido canto.
  Em refulgentes astros convertidos
Reluzem mil herôes entre as estrellas,
Que acções não practicaram como as tuas,
Que teu grande valôr nunca mostraram.
Tu já sulcaste o dilatado aceano,
Dos mares e tufões exposto á furia:
Seguindo o trilho do arrojado Gama
A face viste do Gigante enorme,
Que lá no extremo promontorio habita,
E vozeando chama as tempestades.
Nas terras onde Bromio teve imperio,
E onde suberbo corre o aureo Indo,
Foste surgir, depois de longo tempo
Innumeraveis damnos ter soffrido,
E ter mil vezes affrontado a morte.
Alli serviste a patria, alli ganhaste
O jus, que te buscou mais alto nome,
Que no provir te grangeou mil louros.
Entregue novamente ao rijo Eólo,
E em fragil pinho dividindo os mares,
Os teus penates demandar vieste,
E a doce quietação, e os teus amigos.
Mas accendeu Mavorte o negro facho,
E a voz tremenda, que por bronzes fala,
Clamou por toda a parte: A'guerra! á guerra!
Por toda a parte os echos se espalharam,
A' guerra, á guerra sem cessar gritando;

Ergueu-se, alvoratou-se a Europa inteira,
E o sangue se espalhou, correndo em rios.
No mesmo instante, e qual leão raivoso
Que encommodo rival desafiara,
Tal corres a encontrar os inimigos,
Fazendo de valor prodigios raros.
Entre mil ferreas estridentes ballas,
Entre a mais atra cerração de fumo,
E os clamores, e as scenas horrorosas,
Teu nobre coração jamais succumbe
Jamais fraqueja teu valente braço:
Vence a coragem tua os riscos todos,
E em toda a parte os inimigos sentem,
Cheios de confusão, teus duros golpes.
Vôa comtigo, e os teus sempre a victoria,
E á victoria a final a paz succede:
Serenam-se os espiritos, e tornas,
Tornas á patria já de ti saudosa.
  Aqui hoje commandas aureo corpo,
Ingente sustentaculo do Estado,
Onde fulguras de mil honras cheio.
  A'tua voz, Senhor, a um teu acceno,
Em magestosos bellicos ensaios,
Podem tremendas boccas que diriges
De subito arrojar volções de fogo,
Horrendas producções do diro Averno;
O ar, em movimentos vibratorios,
Tinir, e retinir por longo espaço;
E, á força d'extranhissimos impulsos,
Abalar-se rochedos, e montanhas.
  Mas se por tudo quanto dice és grande,
Maior, muito maior és pelos dotes,
Que teu sublime coração esmaltam.
Tu amas a virtude, tu exerces

Benevolencia, rectidão, justiça,
Thesouro de moral no peito guardas,
E compras de teus subditos o affecto.
D'est'arte os ceos propicios te doaram,
E, n'alta posse de mil dons supernos,
Alcançaste direito á eternidade.

Ao Senhor F. P. C. A. Morgado de Assentis.

EPISTOLA

Escripta durante o assedio do Porto.

J'ai fait un peu de bien : c'est mon meilleur ouvrage.
Voltaire.

Eu fiz, Morgado amigo, uma acção boa:
No gosto de a ter feito achei seu premio,
Premio, qu'inda redobra ao relatar-t'a.
  Escuta um caso, que te pinto em verso,
Em nossos arraiaes acontecido.
  Quando das Ilhas batalhões armados,
Terror do despotismo alçar vieram
N'alto Porto os fadados estandartes,
Foi Leobaldo eximio um dos guerreiros,
Que o Duque (*) acompanharam. Nos seus olhos
Resplandecia o fogo dos combates,
Constante amor velava no seu peito.
De uma Dama gentil as graças lindas
Outr'ora na cidade o tinham preso:
Partindo, por fugir ás mãos iniquas
De um fero usurpador, de um rei intruso,
Guardar-lhe prometteu a fé jurada,
Té que á volta hymeneu lhe unisse as dextras.
Quasi um lustro de ausencia ao moço errante

(*) O Duque de Bragança.

Alienar não pôde do sentido
As raras perfeições da sua amada;
Cheio de amor, e de esperança vinha.
Eis chega, occulto a vê, e reconhece
Não desmentido amor no charo objecto.
Antigas relações eis se renovam.
Ditoso Leobaldo! se podesses
Teus olhos saciar e teus desejos!
Mas o tracto da guerra não combina
Co'os prazeres de amor. Tacitas noites
Que imaginava de amoroso enlevo,
De colloquios suaves fronte a fronte,
Elle as passa no campo, entre soldados,
Sempre em armas, á vista do inimigo.
D'alli dever e honra não permittem
Que se aparte, por vel'-a, um só momento;
Mas amor é astuto: a linda Dama
Toma alheios vestidos, que lhe imprimem
Um toque seductor. Azul ferrete
Bordada veste ajusta, que disfarça
Os peitos prominentes; a cintura
Não perde o delicado; veem-se as côxas
E as elegantes formas esculpidas:
Contornadas feições exhibe a calça.
Sobre o rosto, com graça, pende ao lado
Magestoso *bonnet* com borlas d'ouro.
Redobra a impostura, cinge espada;
Quem outras armas tem de que a precisa?
E' Venus co'os vestidos de Mavorte.
D'est'arte disfarçada ella procura
Pelas sombras da noite o seu amante:
Os vastos arraiaes percorre, gyra,
Pergunta ás sentinellas, e penetra
Muitas vezes nas postos avançados.

A's vezes vai topar com grenadeiros,
Que fumam não distantes dos sarilhos;
N'alguns deitados pelo chão tropeça:
Alguma meretriz alli vagando,
Illudida co'os trajos mentirosos,
Lhe faz proposições de certo extranhas;
Não lhe responde, e custa-lhe a esquivar-se.
A cada passo em roda das fogueiras
Vê temerosos gruppos de soldados;
Sente as armas tinir, e sente ao longe
Por entre bosques amiudados tiros.
Das vivandeiras ouve agudas vozes,
E o susurro geral, que atroa o campo.
O coração no peito da donzella
Extranhamente bate, e se comprime.
  Uma noite medonha ella saudosa,
Illudindo dos paes a vigilancia,
O perigoso transito commette.
N'um logar apartado já tres vezes
Viu Leobaldo, e se escondeu com elle
Em tenebrosa mata aspera, e densa.
N'esta mata sem luz permanecia
Um piquete, Valente era o seu cabo,
Homem de aspecto horrendo, e má figura.
Este mais de uma vez tinha observado
O mysterioso encontro, e respeitoso
Continenciara o militar imberbe.
Nimia illusão á bella dá confiança;
Na escura mata se introduz affoita,
Corre as devesas, e, não vendo o amante,
Espera algum espaço. — Intimo susto
Sente crescer; — já déra meia noite,
Detremina voltar, e um vulto negro,
Cujo cigarro luz na escuridade,

Ao seu encontro vem: — era Valente.
Reconhece-o, e sinistro pensamento
Repentino, e fatal lhe gela o sangue.
Mas fugir-lhe? — Não póde. — Perto d'elle,
Com argentina voz tocante, e doce,
Que a vai trahir, tremendo lhe pergunta:
„ — Vós vistes Leobaldo?.. — „ Não responde
O traidor, e desvia-se alguns passos;
Porém voltando logo suspeitoso:
„ E vós quem sois? „ lhe inquire, e a mão lhe lança;
Co'a mão nervosa lhe subjuga os pulsos,
Arranca-lhe o *bonnet* abrilhantado,
E faz cahir no rosto as aureas tranças.
A infeliz neste instante encara a morte;
Vê sua perdição, e treme, e chora.
« Que sois mulher conheço; sós estamos,
„ O tempo aproveitemos — „ diz o monstro.
No chão, banhada em lagrymas se lança
A conturbada, a misera donzella;
Os pés lhe abraça, e pelo ceo o exora.
Faz mais; tira um relogio precioso,
Dos niveos dedos os anneis arranca,
E tudo, excepto a honra, lhe offerece.
Mas em vão, neste instante acceso em fogo,
Indomito, e frenetico o malvado,
« — Ou haveis de cumprir os meus desejos,
„ Ou vos prendo, (lhe diz) por suspeitosa,
„ E amanhan sereis posta entre justiça.
„ Vossos paes têem de olhar-vos com despeito,
„ E o caso contará toda a cidade. — „
A' opprobriosa idéa não resiste
A infeliz, e cahiu em desvaneio:
Mas o impio nos braços a sustenta:
Ella torna a ter vida. Em fim cravando

No monstro uns olhos que a piedade imploram:
« Aqui me tens, algoz, mata-me, » dice.
Não se commove uma alma ao crime affeita;
Não põe o impio duvida, não treme
De impuros bejos mixturar com pranto;
Tenta por força o que a vontade nega.
N'este instante eu rondava aquelle posto:
Ouvindo uns hais profundos me aproximo;
As finaes vozes tudo me revelam.
Nada temo, penetro na espessura,
A minha espada fere o criminoso,
Que foge pela mata espavorido,
E a tempo salvo a misera donzella:
Um genio bemfazejo me guiava.
Nunca em meu peito entrou prazer tam puro,
Eu levanto do pó a linda dama,
Em lagrymas banhada. Entre soluços
A sua gratidão me patentea.
Conforto-lhe os espiritos, e á casa
Paternal a conduzo. Ella chorando
Meu nome perguntou; deu-me o seu nome,
Que eu prometti guardar, e não revelo.
Seu amante, o distincto Leobaldo,
Hai d'ella! n'esse dia perecera,
Em defesa da Patria pelejando,
Charo a amor, aos amigos, e á virtude.

A' EX.ma SENHORA ***

EPISTOLA.

Heureux cent fois le mortel amoureux,
Qui tous les jours peut te voir, et t'endendre.
VOLTAIRE.

SUSPENDE teu injusto pensamento,
O' Deusa amavel, que os mortaes assombras
Com tuas graças, co'a modestia tua.
Não creias, eu t'o peço, que em minha alma
A candida verdade não respeito;
Ao menos me concede esta virtude:
Eu tenho, eu tenho um coração sincero;
Um coração não falso, não mentido
Deu-me, gentil Marilia, a natureza.
Se em ti, se todo em ti arrebatado,
Sciencia, e genio, e formosura louvo,
Se ao som da lyra festival, e meiga
Faço aos astros subir teu claro nome,
De candura e verdade te dou próvas,
E, em vez de adulação, justiça encontras.
Sim, ó Deusa, entre todas que se extremam
Com dotes immortaes da turba insana,
E a quem provida mão prestou cuidosa
Da cultura feliz o brando esteio,
Quem devo acaso comparar comtigo?..

Em ti transcende o spirito brilhante,
E a doce e a viva elocução do genio,
Que n'alma se insinúa, encanta, e move;
Que profunda, que aviva o sentimento,
E que transumptos ideaes transmitte.
  Quem, Marilia, te escuta as meigas falas,
Qu'erudicção amavel conceitúa,
E que exprimes por orgãos de harmonia,
Jámais á doce persuasão resiste.
  Da tua formosura, dos teus olhos,
Cujo doce volver amor infunde,
E no meu coração a paz inquieta,
Quem póde ao vivo retratar o encanto?
Quem póde de um surriso de teus labios
A doçura pintar? quem de teu gesto
O requinte, a expressão, e o mimo, e a graça?
  Tu tens, tu tens encantos, que a saudade,
Que a lembrança indelevel guardou sempre.
  Quando outr'ora em Tubucci ao grato studo
Das Musas me entregava, acaso um dia
Fui levado ao teu intimo aposento,
Onde comtigo as graças habitavam.
O sol era declive no horisonte,
Mas inda em seu calor ardia a terra,
Que abrasada estação alli requeima.
Tu languida, e calmosa, e sem adorno,
Sem véo algum no peito alabastrino,
Em ocio grato a amor meus versos lias.
Nunca Deusa, ou mortal se viu tam linda!
Nem mais lascivas graças tinha Venus.
Eu entro, e, sem querer, contemplo, encaro
Teu seio virginal, Marilia bella!
Eu vejo quanto amor de mais perfeito
Resume, e que mil vezes é mysterio.

Teu impulso, e primeiro movimento
Aos olhos me roubou com mão honesta
Encantos divinaes, que não teem preço;
Mas eu pude admirar teus atractivos,
Contemplar um prodigio de belleza,
E ser mais que Acteon, ficar impune.
Agora podes crer, casta Marilia,
Que o teu louvor é justo, e verdadeiro:
Tu mesma entenderás que o meu sensivel
O meu ingenuo coração não mente.
Acharás em teu intimo conceito
Que justiça me deves, e te cumpre
E mereces ter jus á fama eterna.

A SALICIO.

EPISTOLA.

Sonho os amigos quando o sol fallece,
Sonho-os quando re-nasce.
Filint. Elis.

De ti me vejo ausente, ó meu Salicio,
De ti cuja amisade em verdes annos
A' minha se ligou, e foi crescendo
Qual ramo d'hera que enlaçado e prezo
A' pullullante proxima vergontea,
Vai junctamente vegetando em forças.
De ti me vejo ausente, e já não posso
Almos prazeres renovar comtigo.
Já não iremos nas serenas tardes
Passear juncto á fonte deleitosa,
Aonde tantas vezes com Marfisa,
A travez de uma rustica janella,
Horas passamos ensaiando amores.
Tambem já se acabaram as frequentes
As deleitaveis orgias, em que junctos
Nossos amigos exultavam ledos.
Aonde nós cingiamos as frontes
De flores sacras a Lieu, e a Venus.
Aonde o doce canto se alternava,
E ser livres juravamos, em quanto

Provida taça de spumoso nectar
De mão em mão passando afervorava
Os frizantes apodos, os bons dictos
Cheios d'actico sal, veneno acerbo
A que não podem resistir Tartufos.
Em fim já não iremos arriscados
N'um saveiro sulcar o salso Tejo,
Atravessando as rapidas correntes,
E com ponteiros ventos bordejando
Demandar a distante opposta praia,
Para as noites passar com Marcia, e Lidia,
Para gosarmos tacitos amores:
Salicio, ah! quantas vezes nesta impresa,
Nos vimos entre riscos, e cuidados,
Quantas a ponto de perder a vida!
  Era um dia d'hynverno escuro e feio,
Quando nós dando a vela ao rijo vento,
E as verde-negras ondas dividindo,
Fomos comparecer perante aquellas
Cujos olhos nos tinham captivado.
O dia entre prazeres terminara,
E seu meio passado havia a noite,
Quando velha vigia nos poz fóra.
Corremos ao batel, porem medonha
D'escuro manto a noite se cobria:
Sopravam fortemente horriveis notos,
E sobre a area as ondas rebramavam.
Largámos entre tanto a curva praia,
E começamos de luctar co'as ondas.
A ti, Salicio, governar te coube
A vela, em quanto o leme eu dirigia.
Já velejando tinhamos passado
D'ardua rocha o pontal, eis d'improviso
Nos envolve a corrente impetuosa,

E o leme parte com fragor horrendo.
Atravessa-se o barco na corrente,
Da qual rugindo um furacão nos tira,
Fazendo em borbotões crescer as vagas,
E tombando de um bordo o mau saveiro.
Então de um remo á poppa fórmo um leme
Em quanto a vela colhes diligente.
Tornámos a luctar co'o vento, e as ondas,
E meios soçobrados manso, e manso
Viemos a final tocar n'area.
D'est'arte se passava aquelle tempo
Voluptuoso da nossa convivencia;
Que se entre tanto vimos offuscar-se
De repentinos damnos que affrontámos,
Foi para mais nos arreigar no peito
A nossa mutua cordial estima.

CONVITE

A

GLAUCESTE.

—Rapiamus amice,
Occasionem de die.

Hor. *Epod.* XIII.

Vamos, Glauceste, respirar no campo,
Que o dia mais formoso nos convida.
Deixemos hoje a insipida cidade.
Não vês como voando em largos bandos
Os passaros se affastam longe d'ella,
E, procurando as arvores distantes,
A vinda vam cantar da primavera?
Eia deixemos a enfadonha corte:
Vamos gosar dos rusticos prazeres,
Da alegre vista do aprazivel campo.
Não precisamos dilatadas horas,
Para ùm sitio encontrar campestre, ameno.
Do nosso Tejo em torno, oh! quanto é bella,
E quanto graciosa a natureza!
Quantas campinas placidas, risonhas,
Quantos vergeis, e platanos frondosos
Não excedem alli d'Arcadia os campos,
E os floreos valles de Amathunta, e Gnido!
Ah! vamos procurar jucundas vargens

Aonde livremente se respire.
Glauceste, eia não tardes, demandemos
A campestre morada do bom Silvio.
E' nosso amigo, e ancioso nos espera
Para juncto de Chlóris, e Marilia,
Do grato parreiral á fresca sombra,
Entre jogos passarmos este dia.
D'alli nós poderemos socegados
Gosar da natureza o quadro ingenuo:
D'alli é doce descobrir ao longe
Verdes montanhas de diversa altura,
Divididas por valles onde pascem
Os armentos, que n'elles se despersam,
E vam subindo até aos altos cumes.
D'alli se escutam doces cantilenas,
Que entoam namoradas pastorinhas:
D'alli, Glauceste, nos estão chamando
Amor, prazeres, natureza, e Musas.
Eia, que tardas pois? tanta demora
Desculpa não terá que se acredite:
Um dia perderemos tam ditoso,
E se Chlóris souber que tu és causa
Ficará certamente mal contigo.

LIVRO V.

A CHOÇA DE PALEMON.

ECLOGA.

Do mais alto dos ceos mandava a prumo
O sol abrazador seus ignios raios;
E encalmado jazia langue, e quedo
O gado, que em silencio ruminava,
Quando á rustica porta de Palemon,
Fatigado da caça, e precedido
De seus veloces caens, chegou Menalca.
No rosto em bagas o suor corria,
E a calma lhe incitava ardente sede.
Dos hombros lhe pendia o usado coldre,
E o froxo arco na sinistra vinha.
Aproxima-se á porta aonde estava
A ingenua Dáphne de Palemon filha,
Portento singular da natureza,
Rara em modestia, rara em formusora.
O pequenino Tytiro, irmão d'ella,
Abrigado do sol brincava juncto,

E o benigno ancião, e a mais familia,
Em praticas passavam esta hora.
  O mancebo sauda a bella Daphne,
Que sente estremecer de gosto o peito;
Depois lhe exprime que o devora a sede.
Corre Daphne veloz, e vem trazer-lhe
Com meigo gesto, e riso carinhoso,
Agua n'um vaso, n'um cestinho fructa.
Em quanto bebe os olhos tem cravados
O caçador na timida donzella;
Comtemplando-a não sabe o que presente
E n'agua lhe parece beber fogo.
  Entretanto a familia hospitaleira
Vem falar a Menalca, vem rogar-lhe
Queira alli descançar; e logo Daphne
Lhe toma o arco, lhe desprende o coldre,
Que em suas mãos conduz: fica Menalca
Alguns instantes pensativo e mudo,
Mas torna a despertar, sendo forçoso
Satisfazer de todos ás perguntas,
E os fructos acceitar, que lhe offerecem.
Toma o pequeno Tytiro nos braços
A meiga Daphne, que lhe imprime um bejo,
Depois surrindo ao caçador o leva,
Como quem diz, que aquelle bejo acceite.
Dos braços da Pastora elle recebe
O innocente menino, em cujos labios
Não sei se deu, ou se acceitou um bejo:
Ficou mais inflammado, e sentiu n'alma
Desconhecido sobressalto, e gosto.
» Mancebo caçador, (como em segredo
Lhe diz uma formosa criancinha)
» Ha tres dias, que perto d'estes montes
» Só com teus caens passaste para a caça;

„ Minha irmãa, que te viu, ficou falando
„ Muitas vezes de ti, e a cada instante
„ Sperava que passasses, para ver-te;
„ Agora, que te vê, ha de gostosa,
„ Ha de alegre ficar, que andava triste. „
Não pôde comprimir em si o gosto
Menalca, ouvindo do menino as falas:
Mil vezes o bejou na linda bocca,
Uniu-o ao terno palpitante peito;
E Daphne envergonhada não sabia
O pejo disfarçar: foi occultar-se
N'um bosque fechadissimo de choupos
Juncto da sua habitação plantados.
No seio da familia interessante
Da calma as horas se deteve o moço;
Aonde de um jantar campestre, e simpres
A mesa foi servida. Voltou Daphne
C'um ar languido, e froxo, e não ousava
Os olhos levantar: alli Menalca
Continuas attenções deveu a todos,
E a mae de Daphne lhe chamava filho.
Vinha com tudo a tarde já descendo,
E os perfumados zephyros sopravam,
Quando Menalca ao velho respeitoso
Agradeceu o commodo agasalho,
Despedindo-se d'elle, e da familia.
„ Meu amigo (lhe diz o velho honrado)
„ Se com teus caens seguindo a veloz caça
„ Algum dia passares d'aqui perto,
„ Tu busca a minha choça, e acharás sempre
„ Além de asylo corações sinceros. „
Então Daphne, entregando-lhe o seu arco
O acompanhou mais longe, para dar-lhe
Entre suspiros um adeus saudoso.

„ Amado caçador, (ajuntou ella,)
„ Se o que te dice meu irmão te é grato,
„ Não te esqueças da choça de Palemon. „
„ — Eu não te esquecerei, Pastora bella,
„ Ah, não te esquecerei!.. — Pôde sómente
Proferir o mancebo, que sentia
Bater o coração accelerado.
E logo com seus caens deixando o sitio,
Sem desejos da caça, foi rompendo
Por entre os arvoredos, d'onde Daphne,
Não podendo já vel'-o, ainda ao longe
Sentia os caens ladrar de quando em quando.

A MARILIA.

Hélas ! en perdant mon erreur,
Je perds le charme de la vie.
PARNY.

Eu vivo d'illusões, Marilia bella,
E somente em delirios sou ditoso.
Em fantasticos sonhos que imagino
Posso apenas obter os bens que anhelo.
Não são porem thesouros recheados
De metal precioso, não soberbos
Palacios que figuro; meu desejo
Só me conduz a imaginar que existo
Reclinado em teus braços amorosos.
Imagino tambem que de meus versos
Em recompensa um bejo te supplico.
De mil bejos, te digo, que a Themira
Dás, quando á tarde no passeio a encontras,
Que me dês um somente não faz mingua.
Meus versos, meus extremos t'o merecem.
Ouvindo esta razão julgo que affavel
Te surris, e me dás mellifluo bejo.
Outras vezes me pinta a fantasia
Que sobre as ondas vógo, e que a meu lado
Em fluctuante barca te conduso;
Que vamos aportar a frescas margens,

Aonde tudo alli a amar incita,
Aonde amenos bosques nos convidam,
Sem testemunhas ter senão os bosques.
Marilia! então figuro novas coisas;
Porem se alguem de perto vem falar-me
De subito se esconde a aerea scena:
Desapparece o magico prestigio;
E tu mesma te sómes, sem que eu saiba
Porque rasão te via, e te não vejo.

NA MORTE

DE

PHROSINA.

Quo fugit Venus? heu! quove color? decens
Quo motus? Quid habes illius illius,
Quæ spirabat amores,
Quæ me surpuerat mihi?

HOR. *Lib. IV Ode. XIII.*

Mais elle etoit du monde, ou les plus belles choses
Ont le pire destin:
Et rose elle a vecu ce que vivent le roses
L' espace d'un matin.

Malherbe.

MORREU Phrosina, oh ceos! morreu Phrosina,
Meu bem tam doce, e meu amor primeiro!
Cessou de respirar, já não existe
Igual a Venus, a melhor das Graças.
Hai de mim! apertando-a nos meus braços
Do peito desprendeu final suspiro,
Dizendo-me somente: *Adeus que eu morro!*
Morreu Phrosina, oh ceos! morreu Phrosina!
Em torno se elevaram surdos gritos:
Gemeram as montanhas, as florestas,
E nos bosques as Dryades carpiram.
Echo chorosa repetiu distante

Em cavas penhas o saudoso nome
Da Nympha que os amores namoraram.
Então me abandonei á dor funerea;
Agros suspiros exalei chorando.
Eu me achei solitario juncto ao leito
Triste, e luctuoso de Phrosina bella.
Mil vezes abracei a minha amada;
Bejei-lhe os frios labios, a mão fria,
E os mudos olhos seus cobri de pranto.
Deuses, oh Deuses! a gentil Phrosina
Das ledas graças na florente quadra
Foi victima da parca deshumana:
Só curto espaço desfructou a vida,
Qual linda flor que n'um jardim nascera.
Juncto da fria campa que ora a cobre
Muda saudade vai pousar ás vezes
Em sentimento, em lagrymas desfeita.
Alli as Graças vam gemer queixosas;
Dam-lhe flores as Nymphas, e d'em torno
Amorinhos gentís estão chorando.

TRADUCÇÃO LIVRE

De dous Fragmentos de Sappho (*)

1.°

Na Morte de Philoxella.

Philoxella, hai de mim! já não existe:
Um rosto encantador, uma voz meiga,
Um spirito brilhante, e um genio raro
Deviam dar-lhe duração eterna.
  Esta manhan um rouxinol cantava
Da primavera annunciando a vinda,
E imaginei que ouvia Philoxella.
  Filha de Pandion, molesta Progne,
Porque vieste perturbar-lhe o canto?
Cruel! ah! para què com crebros gritos
Desvanecer fizeste na minha alma
A illusão, que me dava ser ditosa? ...

(*) Nota sit et Sappho: quid enim lascivius illa?
Ovid.

11.

A um Amigo, que partia para ir ver a Filha de Polianacte.

Da minha parte levareis um bejo,
Para empregar nos labios de Thaira.
A vós se volverão seus meigos olhos;
Gosareis suas falas, e seu riso.
Que inveja tenho de ventura tanta!
Sua voz é mil vezes mais sonora,
Que os mais acordes sons da minha lyra.

DESCRIPÇÃO

DO

Porto de Smyrna:

Vertida do Latim de Claudiano.

Na sua frente pelo mar entrando
Alpestres cumes a Cidade encobre.
Braços de terra, que lhe o porto alongam,
Os bravos aquilões em ocio prendem.
Alli o mar sem ondas é cercado
Pela terra que o cinge, de tal modo
Que aprende a conservar socego eterno.

O AMANTE POBRE

Traduzido do mesmo.

A pobreza de horror meus dias cobre,
E o peito me domina amor tyranno;
Porem se a fome tolerar consigo,
De amor não posso resistir ao damno.

EPITHALAMIO,

Escripto

POR OCCASIÃO DAS NUPCIAS DE * * *

Jam veniet virgo, jam dicetur Hymenæus.
Hymen, ó Hymenæe, Hymen ades, ó Hymenæe.
CATUL.

NUMEN contrario a Amor, e á liberdade,
Que espancas os prazeres, e a ternura;
Mas que sendo mister á sociedade
E's invocado n'esta conjunctura;
Vem, ó filho d'Urania;
Vem, apressa-te, accende o facho teu,
Que os conjuges te speram,
E o povo alvoraçado já entôa:
O'Hymen, viva, ó Hymen!
O' Hymen, Hymeneu!

Que vejo? já de longe vens surrindo
Com semblante jucundo?
E' fausto agoiro; como só de ver-te
Se alegra todo o mundo!
Oh! vem abençoado
Galhofeiro Hymeneu! Mas esse riso

Esse teu riso estou desconfiado
Que não seja d'escarneo e zombaria:
Ah! não creas alguma falsidade,
Que a Noiva, alem da bella,
Inda conserva a sua virgindade.

Mas que observo! tu ris ás gargalhadas?
Já entendo, já sei, ó Deus mofino;
E' por ver ante as aras
Um patola sem tino:
O zangão mais estupido, e papalvo,
Que nunca ás leis de Venus se rendeu:
Mas perdoa, que eu sei que tem desculpa
Esse pobre sandeu:
Vem, não tardes, ó Numen, vem, não tardes,
O Hymen, Hymeneu!

Tu julgas que a função a que presides
Não é seria, e decente?
Se algum profano ha hi, que tal affirme,
Eu lhe direi que mente.
Escuta, escuta que cantor divino
Em altos versos o consorcio applaude:
Nada ás vodas faltou, eis temos vate;
Silencio o mais profundo,
Silencio, que elle sóbe, e as palmas bate.

Poeta.

Assumpto egregio, pindarico
O estro me accende flammigero:
O' Musa! sem prolegomenos
Sem adorno, sem preambulo,
Dize que Hymeneu tam célebre

Nunca das gentes foi cognito;
Que este dia fausto, esplendido
Me infunde n'alma taes incitos,
Tem poder em mim tam válido,
Qu' inda aluidos mil seculos
Não podiam achar término.
E se voz de bronze rispido
Me désse o tonante Juppiter,
Qual tinha o Gigante impávido
Que pinta em versos grandilocos
O portuguez cantor epico,
Fazendo-a troar nos concavos
Rochedos do Ossa, e Pelion,
Té encher do pólo os ambitos,
E chegar ás mansões celicas,
Para dar a idea nitida
De abalo que sinto electrico,
Effeito do gosto insolito
Do cazamento faustissimo,
Inda fôra eu mesmo languido.
O' Musa! este canto harmonico
O meu nome celeberrimo
Vai levar aos astros fulgidos:
Adeus! ó mortaes, que aligero,
Affrontando as syrtes naufragas,
Vou ver as praias do Bósphoro.

Oh! que palmas! que vivo euthusiasmo
O vate promoveu!
O' Hymen! gritam todos em transporte,
O' Hymen, Hymeneu!

Mas que escuto? A' sinistra já tres vezes
Ousou cantar um cuco zombeteiro?

Ah perfido, ah brejeiro!
Que vens tu agoirar? Queres que mude
A mesma condição, e natureza,
E se manche a virtude?..
Vai-te, não creio teu funesto agoiro:
Um burro é sempre um burro,
Não póde ser um toiro.

O' Hymen! eu te invóco: és tu sómente
Quem hoje prazer move;
Preside, e reina, e peço-te excessivo
Que não dês attenção, não faças caso
D'aquelle infame pássaro nocivo.
Tu estavas alegre,
E se inda queres rir deves prestar
Por um momento ouvidos
Ao Noivo, qne supponho vai falar.

NOIVO.

Minha rica metade, quanto Adão
Viu Eva, que Deus lhe deu,
Por força havia de lhe ter paixão,
Porem não como a ti eu.
Havia de sentir muito ...
E tenho ouvido dizer
Que lhe... que lhe... não posso recordar-me
Que de todo se varreu.

De novo começou a cantar triste
Ousado cuco insano.
Cala-te, ó Cuco, cala-te, insolente,
Que sempre agoiras damno.
Tu és quem no discurso começado

O Noivo interrompeu;
Oh quanto se perdeu!
Mas nós de repetir não cessaremos:
O' Hymen, Hymeneu!
O' Hymen, Hymeneu!

Disfarça, ó Noivo, tu, a quem na pia
S* * * pozeram:
Nome, que bem que seja anti-poetico,
Plebeu, e de quezilia,
Não é justo occultar.
Não abras nunca a bocca, esquece o cuco,
E gosa a tua esposa:
Sê marido sem-par,
E não te afflijas, que hoje em dia um c.
E' cousa mui vulgar.
Sam horas já de recolher-se a gente;
E se causa não tem dizer o mundo
Que tu és impotente,
Conduz a tua bella;
Vai deitar-te, e procura gosar della:
Não queiras que de balde rutilasse
O facho d'Hymeneu.
O' Hymen, viva, ó Hymen!
O' Hymen, Hymeneu!

SONETTO.

Não sam, Marilia, as machinas da morte,
Os preceitos da guerra, e o mando, e o tracto
Estudo que jamais me seja grato,
Seguindo as leis do rispido Mavorte.

Reductos, torreões, a mina, o forte
De continuo a riscar me canço, e mato;
Mas é porque o destino meu ingrato
Taes horrores me obriga a ter por norte.

Quanto, quanto melhor, Marilia bella,
Dos dons de Phebo na feliz cultura
Passára a vida, que o prazer anhela!

Sem sciencia fatal, que a morte apura,
Que o sangue espalha, que nações as debella,
Firmara em teu amor minha ventura.

SONETTO.

Em fetida botica, onde encostado
Detestando a cidade passo o dia,
Com dissonante móto ouço á porfia
O rijo som do almofariz pesado.

Ora entra um e quer ser aviado,
Ora outro sáe, levando morte impía:
A' porta em sancto nome de *Maria*
Pede esmola o mendigo esfarrapado.

Pela calçada róda a traquitana:
Repicam sinos, gargantèa o frade,
Passando em procissão juncto á *fulana.*

Ceos, que tropel! que estrondo! que anciedade!
Se a mente perturbada não me engana,
Estou no inferno estou, não na Cidade.

SONETTO.

As Nymphas mais gentís do Tejo ameno,
Que amor de ingenuas graças tem ornado,
Marilia excede em grau ţam elevado,
Quanto alto cedro o arbústo mais pequeno.

Dos meigos olhos seus um leve aceno
Pode os decretos destruir do fado,
E, desprendendo a voz, a Jove irado
Restituir um animo sereno.

Se o misero Ixiôn no reino escuro
Podesse ao menos escutar a bella,
Seu tormento esquecera atroz, e duro.

Mortaes! fugi de a ver; tomai cautela,
Que tem amor na voz, no gesto puro,
Que o mesmo é vel'-a que morrer por ella.

SONETTO.

No horisonte se eleva magestosa
A pacifica Lua prateada,
Esclarecendo os campos e a morada
Da minha Lilia esquiva, e rigorosa.

De um ribeiro a corrente estrepitosa
Ao longe cáe n'um valle despenhada:
Minha alma no prazer toda engolfada
Gosa da noite a scena deleitosa.

Ah! quem me déra, Lilia! ah! quem me déra
Colher de teus encantos as primicias,
Entregue ás sensações que a noite géra!

Cheio de teus affagos, e caricias,
Cynthia me vira da azulada sphera
Absorto suspirar entre delicias.

SONETTO.

Pelas brilhantes horas apontado
Lusiu no pólo o dia venturoso,
Em que da vida o halito amoroso,
Bellissima Corinna, te foi dado.

Apenas viste a luz, abrilhantado
Ficou de Apollo o rosto luminoso:
Deteve o tempo o gyro pressuroso,
Surriu-se ao ver-te carrancudo fado.

Encheu-se o Olympo de prazer, e á pressa
Aquelle cuja dextra tudo abarca
O Nuncio manda, que a dizer começa:

Fuja o desgosto, pérca o mando a Parça;
E sempre venturoso ao mundo deça
O fausto dia, que teus annos marca.

SONETTO.

Lilia formosa, Lilia encantadora,
Que de graças, e àmores odornada,
Tens a humana vontade captivada,
Pela doce meiguice tentadora.

Dos mais isentos peitos vencedora,
Como não tens minha alma subjugada!
Tu a terias mesmo escravisada,
Quando rispido bronze, ou pedra fora.

A tua ingenua, rara formosura,
O teu modesto olhar, o teu sorriso
Lançam-me n'alma languida ternura.

Ah! chama-me o teu bem, nem mais preciso
Para exceder aos Deuses na ventura,
Ou para delirar, perder o siso.

SONETTO.

Por ser esquiva a amor foi transformada
Em verde louro Dáphne rigorosa,
Recusando-se altiva, e desdenhosa
A' ventura de ser de nem Deus amada.

Em fragoso rochedo foi tornada
A amante d'Iphis perfida, enganosa;
Coronis de princeza em gralha odiosa,
Por ser esquiva a amor, foi transformada

Taes, linda Marcia, foram as mudanças
Com que os Numes puniram n'outra idade
As bellas que se armavam d'esquivanças.

Tu, que hoje impune vês a crueldade,
De flagellar meu peito não descanças,
Não tens, cruel, não tens de mim piedade.

SONETTO.

Como está puro o ceo! Como estes prados,
Aonde d'entre a relva surgem flores,
Que sam recosto, e leito dos amores,
Estão co'a luz do sol abrilhantados!

Nos arbustos florentes, e copados,
Exultam ledos bandos de cantores,
Pelas soltas boninas de mil cores
Voam os brandos zephyros alados.

Só prazer n'estes campos se respira!
Mas quanto mais de vel'-os me encantara,
Quanto mais doces commoções sentira;

Se os vastos campos, que aurea luz aclara,
Se as flores, onde a vista alegre gyra,
Comtigo, Lilia bella, eu desfructara!

SONETTO.

Debaxo destas fragas cavernosas,
Por onde em furações susurra o vento,
Em suspiros, e em hais fatigo o alento,
Dando mil queixas tristes, lastimosas.

Longe das faces juvenís, mimosas
D'aquella, que me attrahe o pensamento,
Chóro o infausto, o penoso apartamento,
Debaxo d'estas fragas cavernosas.

Ah! se n'este logar de horror, e medo,
Aonde a voz desprende o mocho odioso,
Lilia, soltasses um sorriso ledo!..

Perdera a furia o vento, e o mar undoso;
E, abrandando a dureza este penedo,
Me achara n'um jardim delicioso.

SONETTO.

Na face, e peito dos jasmins a alvura
Tem Marilia gentil, que amor inspira:
No gesto encantador, que a paz me tira,
Tem de Venus a graça, a formosura.

Ao ver seus olhos o prazer se apura,
E em torno d'ella transportado gyra:
Das rosas virginaes quando respira
A fragrancia vital não é mais pura.

Como gerada lá no ethereo seio,
Onde mais graças natureza veste,
Nasceu Marilia dos mortaes enleio.

Ceo! que tam raras perfeições lhe déste,
Se é n'este dia que ella ao mundo veio,
Alegre dia venturoso é este!

SONETTO.

Apenas no horisonte vem raiando
D'aureas nuvens a aurora matizada,
A terra de seus prantos aljofrada
Com tibios, froxos raios aclarando.

Dos braços de Morpheu me desviando
Corro aos que me offerece a minha amada,
Pela espessura densa, e não trilhada
Seus mimos, seus afagos demandando.

Já d'entre um bosque de jasmins fragrantes
Marilia ao mais fiel dos amadores
Se dirige com passos vacillantes.

Já sobre um leito de verdura, e flores
A bella, entre suspiros anhelantes,
Me concede mil tacitos favores.

SONETTO.

Hoje da bella aurora á luz nascente
Harmonioso encanto enchia os ares;
Dormia o vento, e na extensão dos mares
Escarcéos aplanava azul tridente.

D'Idalia o filho mais propicio á gente
Remedio offerecia a mil pezares;
E contra a turba de crueis azares
A sorte promettia ser clemente.

Vate, que o voto ouviu ao Nume alado,
E á Deusa varia perjurar seus damnos,
Taes vozes proferiu exthasiado:

Ou Jove se acolheu entre os humanos,
Ou de Marilia é hoje celebrado
O alegre dia dos festivos annos.

SONETTO.

Eu vi, gentil Marilia, o teu semblante,
Aonde se esmerou a natureza;
Eu vi aquella singular belleza,
Que prende, que seduz a cada instante.

Da tua meiga voz a insinuante
Harmonia deixou minha alma accesa,
E, n'um intimo abalo de surpreza,
Senti cerrar-se o peito palpitante.

Vi-te, e logo de si desconhecida
A minha alma ficou; a curtos passos
De todo a liberdade achei perdida.

Ah! se queres formar uns doces laços,
Ditoso passarei comtigo a vida,
E morrerei ditoso nos teus braços.

SONETTO.

D'encantos, e de amores adornada,
Belliza, viste a luz d'este almo dia;
E as graças, e os prazeres, e a alegria
Baxaram da stellifera morada.

Por halito divino bafejada,
Ao ver-te a negra inveja estremecia,
E o fado contemplando-te escrevia
Teu horóscopo em lamina dourada.

A tua perfeição, e gentileza,
Os teus olhos formosos, e brilhantes
Porão assombro á vasta redondeza:

Serão de amor teus fulgidos instantes:
Belliza, o nome teu, dirá belleza,
E os que te virem ficarão amantes.

SONETTO.

Que lindo, e claro amanheceu o dia!
Como se mostra o ceo ameno, e puro!
Desfeito já de todo o manto escuro
Da tenebrosa noite muda, e fria.

Parece que a meus olhos a alegría
Vem dar-me contra o fado meu perjuro;
Parece que arrancar-lhe quer o duro
Ferreo punhal que contra mim afia.

Mas ah! que no desterro, e soledade,
Onde a viver a sorte me condemna,
Despir não posso a mente de anxiedade.

Longe da Patria, e longe de Philena
Um dia alegre só me faz saudade,
Só me faz delirar morrer de pena.

SONETTO.

A S. M. I. o Duque de Bragança, *na occasião do embarque do Exercito Libertador para Portugal.*

E' grande Alcides, por haver domado
Inda no berço as féras truculentas;
E por ter penetrado as somnolentas
Mansões do reino de Plutão turbado.

E' grande Achilles, por haver banhado
Do bravo Heitor no sangue as mãos cruentas;
E' grande o Heróe, que as vagas turbulentas
Sulcou, trazendo o véllo conquistado.

E' grande aquelle Principe Troiano,
Que do Grego furor exempto a custo
Fundou no Lacio imperio soberano.

Porem maior, mais digno d'alto busto
Pedro, que vai salvar-nos do Tyranno,
Que Lysia opprime, Usurpador injusto.

MADRIGAL.

Hontem a bella Agláe achei dormindo
N'um denso bosque de fragrancia cheio;
Mostrava meio occulto o rosto lindo,
Mas todo descoberto o niveo seio.
Quaes nús botões de rosa
Os biquinhos dos peitos ver deixava:
Deuses! quanto é formosa!
Eu dice, e n'um somente um bejo dava,
Quando subito a bella acorda, e grita;
Enche-se toda de virgineo pejo,
E irada contra mim os olhos fita.
Oh ceos! que mal faria em dar-lhe um bejo?!

MADRIGAL.

Que mais para agradar te houvera dado
        O ceo, gentil Corinna!
Se és mais formosa que o jasmim nevado,
        Que a rosa purpurina!
Teu seio virginal de neve pura
        Accende-me em desejos,
        Que saciar com bejos
Em vão tentara em fogo audaz ternura.
Tu és, tu és Deidade; e a quem admira
A tua formosura ingenua e rara,
        O peito não respira,
E nas veas gelado o sangue pára.

EPIGRAMMA.

As arvores, e as mulheres
Correm quasi a mesma sorte:
Pendem ambas com o vento
Já ao sul, e já ao nórte.

Sendo novas igualmente
A' vista se ostentam bellas;
E se acaso estas dam fructos,
Tambem fructos dam aquellas.

Das arvores a velhice
As lança em fim na fogueira;
Ter deviam as mulheres
N'isto a sorte inda parceira.

EPIGRAMMA.

A um Official, que, achando-se na Campanha, mandou buscar á côrte o retrato de uma Senhora por extremo feia, a quem a amava.

Mandou buscar a Lisboa
Lelio a effigie do seu bem;
E que é para alivio sôa
De mil saudades que tem.

Mas a tal eu não accedo;
Quero antes presumir,
Que é para fazer de medo
Os inimigos fugir.

EPIGRAMMA.

Abrasado em sancto zelo
Um austero confessor,
Humilhada penitente
Aterrava de pavor.

Tres amantes lhe pescavam;
E ella, a furto do marido,
Tinha amoroso peccado
Co'o terceiro commettido.

» Tal crime (o Juiz clamava)
» E' digno do inferno inteiro;
» Pois a mim me preteriste,
» Sendo d'elles o primeiro.

LIVRO VI.

LYRA

ANACREONTICA.

Nunc Erato: nam tu nomen amoris habes.
Ovid. *de Art. Am.*

De questa cetra in seno
Pien de dolceza, e pieno
D'amabili diliri
Vieni, e t'asconde, Amor.

METAST.

LYRA ANACREONTICA.

ODE I.

A Saudade.

Quem, Marilia, quem me dera
Viver nos campos amenos,
Onde já passei outr'ora
Dias cláros, e serenos.

Quem me déra, ó minha bella,
Felicissimo comtigo,
Repousar de antigos cedros
Ao copado, e fresco abrigo.

Ouvir das campestres flautas
A cadente melodia;
E dos pastores na aposta
A singela poesia.

Nas campinas, e nos valles
Ver os rebanhos pastar;
Ou dispersos, e balando,
Pelos montes atrepar.

Nas serenas manhans frescas
Ser do somno despertado
Pela voz do pegureiro,
Que vai cantando entoado.

Eu, Marilia, então ditoso
Sahiria a respirar
Doces auras matutinas,
Ether puro, salutar.

Logo ao teu jardim viçoso
Eu te veria descer,
Inda mal composta a trança,
Quasi o peito a apparecer.

E co'a graça, e singeleza,
Que na côrte não deviso
Tu, Marilia, me faláras,
Desprendendo brando riso.

Extremosa me farias
Mil protestos de firmeza;
E eu sem susto te gosára
No seio da natureza.

Mas hai, louco! em que utiliso
Este tam vivo desejo,
Se eu não posso ver os campos,
E se, ó chára, te não vejo!

Hai de mim! minha Marilia,
Que tanta felicidade,
Nem me deixa ter na idea
O tumulto da cidade.

ODE II.

O Adeus.

Eu me ausento d'estes campos,
Teus patrios, ditosos lares,
Onde, ó bella, vi teu rosto,
Vi teus olhos singulares.

Abandono as altas serras,
Vou, Marilia, vou deixar-te;
Hai! que até perdido tenho
A esperança de gosar-te!

Quer destino deshumano,
Contra o qual não há poder,
Que eu distante de ti viva,
Ou distante vá morrer.

Tu chorando já me expressas
Teu pezar, teu dissabor;
Mas a tua não iguala
Não iguala a minha dor.

N'este instante que te deixo
Afflictissima, e chorosa,
Contra o peito posso apenas
Apertar-te a mão formosa.

Nem um terno adeus extremo
Dar-te agora conseguira,
Que se opprime a voz no peito,
E nos labios meus expira.

Ah! Marilia! vendo em pranto
Esses lindos olhos teus,
Cresce a pena de deixar-te,
E eu não posso dar-te *adeus*.

ODE III.

O Retiro.

Amavel Retiro
De bosques frondentes,
Que viste meus jogos
Puerís, innocentes.

Ainda me lembro
Com quanta alegria,
Em tempos ditosos,
Brincava, e corria.

Na borda de um tanque
As horas passava,
Por ver se os peixinhos
Co'a mão apanhava.

Ou já c'um barquinho
De leve madeira,
Que sobre nadava
Com carga ligeira.

A's vezes correndo
Tentava apanhar
Subtís borboletas,
Que via no ar.

Um dia trepádo
N'um alemo umbroso,
Um ninho de melros
Achei melindroso.

Implumes ainda
Os nús passarinhos,
Medrosos piavam,
Erguendo os biquinhos.

Eu ledo e contente
Os dei a crear,
E sempre ditoso
Os via medrar.

Amavel Retiro,
Que, em tempos dourados,
Ingenuo me viste
Sem outros cuidados,

Oh! quantos pezares,
E quantos tormentos
Em fim succederam
A doces momentos!

Então só amava
As aves, e as flores;
Agora me enlevo
Em falsos amores.

Correr me fazias,
E alegre brincar;
Agora Marilia
Me faz suspirar.

ODE IV.

O Menino.

Com brandos carinhos
No peito amoroso
Affagas, Marilia,
Aleixo formoso,

Porem o menino
Travesso incessante,
Não quer em teus braços
Deter-te um instante.

Raivoso pretende
Que o largues no chão;
Que o deixes ir solto
Brincar co'o seu cão.

Teus mimos suaves
O fazem chorar;
Sequer não consente
Que o possas bejar.

Ah! se ora eu podesse
Ser inda menino,
E tu me affagasses
No peito divino;

Jámais recusara
Cumprir teus dezejos;
E, sem m'os pedires,
Te déra mil bejos.

ODE V.

A Ventura.

Emb'ora, Marilia,
Sedento de gloria,
Invicto guerreiro
Acclame a victoria.

Emb'ora se alegre,
Olhando que aterra,
Co'o estrondo das armas,
Co'os gritos da guerra.

O vil avarento,
Em cavo thesouro,
A sede mitigue
De perlas, e d'ouro.

A mim só me aprazem
As doces camenas,
Teus olhos modestos,
E faces serenas.

A tua meiguice,
A tua ternura,
Só fazem, Marilia,
A minha ventura.

ODE VI.

O Gosto da Variedade.

E' doce, Marilia,
Ter novos amores;
Obter de continuo
Protestos, penhores.

As ternas primicias
De affecto recente
Sam doces, suaves
Ao peito que as sente.

A ser inconstante
O gosto me guia;
Amores pretendo
Deixar cada dia.

Mas tu não desprezes
A fé que te dei,
Que um dia, gyrando,
A ti voltarei.

ODE VII.

O Retrato.

Marilia bella,
Eu vou pintar
Teu lindo gesto,
Teu brando olhar.

Aquelle riso
Encantador,
Com que accendeste
O meu amor.

E os attractivos,
E as perfeições,
Com que subjugas
Os corações.

Tu és formosa
Qual verna flor,
A quem a aurora
Aviva a cor.

Tu tens encantos
Té no desdem,
D'onde meus sustos,
Meus hais provem.

ODE VIII.

A INCONSTANCIA.

L'estesso io sono,
Tu l'estessa non sei.
Metast.

MINHA Marilia,
N'estas campinas,
Sempre cobertas
De mil boninas,

Qual d'antes era
Eu tudo vejo;
Inda sereno
Murmura o Tejo.

Este arvoredo
Bem como outr'ora,
Calado, escuro,
Encontro agora.

O flóreo valle,
A fonte pura
Inda conservam
Sua frescura.

Nada co'o tempo
Mudou d'estado;
Mas o teu peito
Se tem mudado.

Tudo indá existe ,
Oh pena! oh dor!
Só já não vive
O teu amor!

ODE IX.

A Lyra dada por Amor.

A minha Lyra
Branda e cadente,
Do Deus d'Idalia
Doce prezente:

Em Gnido o louro
Nume a formou,
E d'aureas chordas
A remontou.

Por isso imbelle,
Se a vou pulsar,
Amor somente
Faz resoar.

Nem outro assumpto
Se ouse propôr,
Que só nas chordas
Responde — Amor. —

ODE X.

O Passarinho preso.

Porque te queixas,
Meu Passarinho,
Por que perdeste
O cháro ninho?

Chóras por ver-te
N'um fio atado,
E por não teres
A esposa ao lado?

A' qual não podes
Voar ligeiro,
Porque te impede
Vil captiveiro?

Ah! tambem triste
Tambem ausente
Eu peno, eu chóro,
Com dor vehemente.

Por uma ingrata,
Como pranteas,
Saudoso, afflicto,
Gemo em cadeas.

Tambem lamento
A crueldade;
Tambem me vejo
Sem liberdade.

ODE XI.

O Amor na solidão.

Queres, Marilia,
Ouvir-me expor
Porque no campo
Prospéra amor?

E' porque n'ello
Os passarinhos,
Que se namoram,
Entre raminhos;

Com mil gorgeios
Apaixonados,
D'amor inspiram
Ternos cuidados.

Na flórea quadra
Da primavera
Alli mais brando
Amor impera.

Se de um arbusto
Verde, florído,
O rouxinol
Enternecido,

Ousa queixoso
A voz soltar,
Ah! quem não sente
Que é doce amar?!

Nos fundos bosques
Densos copados,
Sam mil amantes
Afortunados.

Teem prados, bosques
Occulto encanto;
Por isso Amor
Os préza tanto.

Apraz no campo
A Amor viver,
Por achar livre
N'elle o prazer.

ODE XII.

A Persuasão.

Deixa, Marilia,
Deixa illusões,
Que a paz arrancam
Dos corações.

As leis não sigas
De atroz crueza,
Em tudo oppostas
A' natureza.

Ouve só quanto
Amor te inspira,
Que o mais é tudo
Error, mentira.

Deixa tyrannos
Em vão falar,
Que o mundo é feito
Só para amar.

ODE XIII.

A Deprecação.

Meu patrio Tejo,
Formoso e brando,
Que tam saudoso
Vas murmurando;

Como sereno
E transparente
As ondas volves
Ao sol lusente!

Nas flóreas margens
Lá te dilatas,
E as Nymphas tuas
Alli retratas.

Mas quantas vezes
Sobre-saltado,
Te hei visto eu mesmo
Revolto, irado,

Com rouco estrondo,
Com mil furores
Partir os barcas
Dos pescadores:

Ou sobre as margens
Altivo e undoso,
O nedio gado
Levar furioso?..

Ah! não, meu Tejo,
Não tornes mais
A erguer as vagas
Crueis, fataes.

Não mais, t'o peço,
Correndo ao mar,
As margens tornes
A inundar.

Marilia bella,
Que se recrea
De ver-te ameno
Correr n'area,

Treme de susto,
Quanto fremente
O campo alagas
Na vasta enchente.

Ah! cumpre, Tejo,
Cumpre meu gosto;
Jamais perturbes
Seu lindo rosto.

Brinca na margem
Flórea, encantada,
Que assim agradas
A' minha amada.

ODE XIV.

A Vingança de Amor.

Em verde bosque
Onde me achava
Juncto a Marilia,
Que me affagava;

Amor occulto
Entre os raminhos,
Déstro caçava
Os passarinhos.

Com meigo gesto
De longe olhando,
E co'o dedinho
Mimoso e brando,

Posto na bocca,
Que mal sorria,
Mudo silencio
Nos requeria.

Já o travesso
Mui de mansinho
I'a apanhando
Um passarinho;

Quando Marilia
De amor ardendo
Contei-lhe o fogo
Já não podendo;

Sólta um suspiro
Incauto, ardente,
Com que afugenta
O innocente.

Amor raivoso
A' indiscreta
Lançando Gnosia
Ligeira seita;

» Sabe (lhe diz)
» Melhor gosar,
» E os meus prazeres
» Em ti calar.

ODE XV.

O Sonho.

A noite escura
O ceo toldava,
Quando eu, Marilia,
Em ti sonhava.

Escuta, ó bella,
O quanto a mente
Ver me fazia
Claro, prezente.

Sobre teus braços
De neve pura
Eu desfructava
Prazer, ternura.

Comtigo preso,
E entrelaçado,
De teus carinhos
Enfeitiçado;

E acceso em brando
Fogo de amor,
Pagar te via
O meu ardor.

Teus nivios peitos,
Que palpitavam,
Mil, e mil bejos
Me arrebatavam.

Tudo era gosto,
E tudo encanto:
Eis de repente,
Cheio d'espanto,

Do sonho acordo
Tam grato, e acceito,
Cuidando ainda
Ter-te em meu leito.

Louco mil vezes,
N'este momento,
Vou a abraçar-te,
E abraço o vento.

ODE XVI.

O Conselho.

Se tu, Philena
Queres amar,
Ouve um conselho,
Que te vou dar.

D'esses amantes,
Que turbulentos
Amor te affirmam
Com juramentos;

Os vãos discursos
Atraiçoados,
Vê que só devem
Ser despresados.

Se algum falsario
Tentar propostas,
Mostra-te esquiva
Vira-lhe as costas.

E sobre tudo
Não deves crer
Os votos todos,
Que ouças fazer.

Só dos amantes
Attende aos gestos;
Ouve suspiros,
E não protestos.

ODE XVII.

A Manhan.

A rôxa aurora,
Lá do horisonte,
Esmalta, e doura
O prado, e monte.

E já por vel'-a
Os passarinhos
Cantando largam
Os molles ninhos.

Por entre a selva,
Que aves povôam,
De agrestes flautas
As vozes sôam.

Ao longe corre
Ceruleo Tejo,
Que em aureos campos
Surrir-se vejo.

Quanto, ó Marilia,
Feliz seria,
Se vendo em fogos
Nascer o dia;

E vendo o quadro
Da natureza,
Cheio de encantos,
E de belleza:

Co'as graças todas
Que amor te deu,
Tambem te visse
Ao lado meu!

ODE XVIII.

A Suspeita.

Gentil Marilia,
Terna, engraçada,
Porque receias
Ser minha amada?!

Acaso podes
Nutrir temor,
Que outra desfructe
O meu amor?..

Ah! deixa louco
Fallaz receio;
Pois tu somente
E's meu enleio.

Só tu, Marilia,
Formosa, e pura
Sustentas, fazes
Minha ventura.

Cheia d'encantos,
Com mil agrados,
Meiga suspendes
Os meus cuidados.

E nos teus peitos,
Que ardente bejo,
Somente existe
O meu desejo.

Ah! vem, Marilia,
Vem, minha amada;
Deixa suspeita
Tam mal fundada.

Vem n'este puro
Ribeiro ameno
Olhar teu riso
Brando, sereno.

Vem ver com quantas
Mais lindas graças
As Nymphas todas
Excedes, passas.

Ver que não podem
Roubar-te a gloria;
Pois só c'um riso
Tens a victoria.

ODE XIX.

O Amor extremo.

Já tem Marilia,
A sorte impía
De todo extincto
Minha alegria.

Já deshumana,
Com mil rigores,
Meus aureos dias
Encheu de horrores.

Di ti, ó bella,
Viver distante
Me faz saudoso
Afflicto amante.

Ah! póde ainda
A cruel sorte
Fazer que novas
Penas soporte.

Póde na Lybia
Fazer-me errar,
E até meu nome
N'outro mudar.

Em bruta, ingente
Pedra tornar-me,
E só com pedras
Alli deixar-me.

Porem, Marilia,
Não tem poder,
Que assim me obrigue
A te esquecer.

Pois inda em pedra
Todo mudado,
Ou n'outra fórma,
Ou n'outro estado;

Lá de mais longe,
Que possa estar,
Inda, ó querida,
Te hei de adorar.

ODE XX.

O Amor Occulto.

Amaveis Nymphas,
Gentis, mimosas,
Que por mais bellas
Venceis as rosas.

Se com mil graças
Me arrebataes,
E o terno peito
Me captivaes;

Sabei, ó Nymphas,
Que mais ternura
Marilia ajuncta
A' formosura;

Que mais constante
Com mil favores
Ella compensa
Os meus amores.

E se a não vedes
Um só instante
Dar-me sensiveis
Próvas de amante;

E' porque teme
Com justo medo;
Marilia bella
Ama em segredo.

ODE XXI.

O Prejuiso desfeito

Non le crime n'est pas si doux.
Parny.

Tentas, Marilia,
Deixar de amar,
Quando teu peito
Quer suspirar?

Não vês que as aves
Nos bosques amam,
Que as proprias feras
De amor se inflammam?

Que mil prazeres
Sente de amor
A inculta planta,
A ingenua flor? . . .

Ah! não, não sigas
Erros tyrannos,
Que os bonzos fingem
Com mil enganos.

As leis, Marilia,
As leis do ceo,
Somente existem
No peito teu.

Se elles reprovam
Ternas paixões,
Outras affagam
Seus corações.

Tu sentes n'alma
Puro desejo;
Só n'elles cabe
O horror o pejo.

Despe, ó querida,
Despe o temor,
Que não é crime
Seguir amor.

ODE XXII.

A Recordação Amorosa.

Foi n'estes campos
Sempre viçosos,
Onde os pastores
Vivem ditosos;

Que a minha amada
Marilia bella,
Co' aquelle mimo
Tam proprio d'ella,

Me tributava
Meigos carinhos,
Em quanto ao longe
Os cordeirinhos,

Trepando aos cumes
D'arduos rochedos,
D'alli faziam
Os olhos ledos.

Em quanto alados
Ternos cantores,
Ora nos ramos,
Ora nas flores,

Mil sonorosos
Cantos suaves
Ao canto unindo
Das outras aves;

Arrebatavam
Os corações,
Lançando n'elles
Doces paixões.

N'esta suave
Gruta aprazivel,
Aqui Marilia
Terna, sensivel,

N'outros mais bellos
Dias amenos,
Que os ceos nos deram
Puros, serenos,

Cheia d'encantos,
Com doces bejos,
Mais avivava
Os meus dezejos.

Aqui meus votos
Risonha ouvia;
E igual constancia
Me promettia.

Aqui a bella,
Que eu adorava,
De amor em paga
Amor me dava,

E tam suave,
Tam viva, e pura
Dos peitos nossos
Era a ternura;

Qu'entre suspiros,
E entre prazer
Nós nos sentimos
Desfallecer.

Mas tantos gostos
Em fim passaram;
Depressa os tempos
Se deslisaram.

Os meus prazeres
Os meus amores
Curtos duraram
Bem como as flores.

E se os humanos,
Que pelos fados
De mil venturas
Foram privados,

Em tam acerba
Triste mudança
Algum alivio
Teem na esperança;

Vão lenitivo
Meu peito sente,
Que almas lembranças
Nutre somente.

SEGUIMENTO DE POESIAS

EROTICAS.

RONDO' I.

Deixa ao som das charamelas
Nossas bellas, e pastores,
Sobre as flores destes prados
Enlevados em dançar.

Tu, Marilia casta, e pura,
Attendendo a meus dezejos,
Foge, e vem a seus festejos
Na espessura te occultar.

Foge, e deixa-os em segredo
Com mil jogos entretidos,
E com gritos repetidos
O arvoredo retumbar.

Deixa ao som das charamelas
Nossas bellas, e pastores,
Sobre as flores destes prados
Enlevados em dançar.

Seus prazeres, sua festa
Não te roubem um instante;
Mas unida ao terno amante
Vem a sesta aqui passar.

Vem, Marilia, n'este abrigo
Repousar occultamente;
Mais gostosa e mais contente
De comigo suspirar.

Deixa ao som das charamelas
Nossas bellas, e pastores,
Sobre as flores destes prados
Enlevados em dançar.

RONDO' II.

Vem a aurora já raiando,
E esmaltando o prado, e monte;
Corre a fonte, e exulta n'ella
Philoméla de prazer.

Ah! Marilia, a esta hora
Em um tempo afortunado,
Aqui vinhas ao meu lado
Ver a aurora apparecer.

Vendo o amor que n'alma tinha,
Tu risonha me affagavas;
E mil vezes me juravas
De ser minha até morrer.

Vem a aurora já raindo,
E esmaltando o prado, e monte;
Corre a fonte, e exulta n'ella
Philoméla de prazer.

Mas o fado torvo, e cégo,
Que mil damnos me procura,
Não quiz ver minha ventura,
Meu socego não quiz ver.

Apartou-te destes valles
Onde existo em pranto, em lucto,
E onde os echos só escuto
A meus males responder.

Vem a aurora já raiando,
E esmaltando o prado e monte;
Corre a fonte, e exulta n'ella
Philoméla de prazer.

CANÇONETA. I.

O Rouxinol.

Gentil Philoméla,
Que sempre amorosa,
Cantando me avivas
Lembrança saudosa.

Tu já modulando
Suaves ardores,
Outr'ora c'roaste
Meus ternos amores.

Em noite de estio,
Que um zephyro brando
Sereno adejava,
Nos ramos brincando;

Eu juncto a Marilia,
Em magico enleio,
Ardente bejava
Seu candido seio.

A bella entre tanto
Pudica, e formosa,
Meus labios detendo,
Co'a mão melindrosa;

„ Não mais (me dizia,)
„ Teus bejos activos
„ Já sam importunos,
„ Já sam excessivos.

„ De nimio extremoso
„ Me canças, e enfadas;
„ Ah! deixa-me um pouco,
„ Que assim não me agradas.

A mão com que os labios
Subtil me afastava,
A' bella mil vezes
Eu inda bejava.

Com meigo sorriso
Affavel, e brando
Marilia formosa
De novo me instando:

„ Suspende (tornava)
„ Teus ternos dezejos;
„ Ah! cessa, meu cháro,
„ Teus fervidos bejos,

Até que no centro
D'aquelle pomar
Algum passarinho
Comece a cantar.

A extremos affagos
O ardor moderando,
Da bella nos braços
Eu fico escutando.

Mas vasto silencio
Nas selvas reinava,
Das aves, em torno,
A voz não soava.

Gentil Philomela,
Tu branda e piedosa,
De certo escutaste
A lei rigorosa.

De proximo arbusto
Soltando teu canto,
Os ares serenos
Encheste d'espanto.

Tam doces, tam ternas
As vozes soáram,
Que as fontes, e os rios
O curso paráram.

E a Nympha rendida
Apenas ouviu
Teus sons maviosos,
Meus gostos cumpriu.

CANÇONETA II.

Lilia, e a Rosa.

Tu, Paphia Rosa,
Fragrante, e pura,
Toda candura,
Toda expressão,
Não tens ainda
De Lilia bella
A graça d'ella,
E a perfeição:
Eu ver-te posso
Sem adorar-te,
E a ella não.

Com mil encantos
N'um engraçado
Meio fechado
Tenro botão,
Aos doces labios
Da minha amada
Ser comparada
Tentas em vão;
Em côr, em mimo,
Não és tam linda
Como elles sam.

A minha Lilia
Para vencer-te,
E até render-te
A opinião,
Só lhe bastava,
Que te mostrasse
A rubra face,
Ou só a mão;
Vendo a diffrença
Tu te cobriras
De confusão.

Excede tanto
A mais formosa
Brilhante rosa,
Que os prados dam,
Que quando espinhos
Inda tivera,
Não lhe cedera
Em proporção:
Que Lilia gosa
D'ethereo lume
Aurea porção.

Ah! quando apenas
Eu vi seu rosto,
Senti de gosto
Viva emmoção:
E vendo n'ella
Fagueiro riso,
Perdi o siso,
Mais a razão:
Fugir não pude,
E lhe dei logo
O coração.

NOTAS.

LIVRO I.

ODE II. pag. 7.

Mais altos gosos te dirá que aguarda.

Está definitivamente provado que o interesse é o fim occulto de todas nossas acções. Perscrutae bem o coração humano, e achareis que o amor, a amisade, a gloria, a beneficencia, a mesma generosidade não é senão o interesse dourado com estes bellos nomes. O Frade supersticioso, a quem tómo para exemplo, é essencialmente de todos os homens o mais escravo do interesse. Despegado dos bens, e das riquezas do mundo, julgareis que a sua alma generosa nada cubiça, nada quer d'este fausto, e d'este ouro, e tem mesmo horror a toda gloria, e a todo interesse que lhe seja proprio. Mas interrogae-o, e ouvireis estas palavras mais cheias de unção, que de disfarce: *Estes bens, sam bens mesquinhos, e transitorios: nós os abandonâmos por prazeres mais duradoros, e por uma gloria sempiterna*. E' como o usurario que empresta o seu dinheiro, para depois o tornar a haver com avultado lucro. A próva é que se uma vez o desviaes da sua crença, vós o vereis lançar mão com avidez de quantos prazeres podem entrar no pélago da sua insaciavel cubiça: vós o vereis, no meio da crápula e da mais desenfreada devassidão, desforrar-se em poucas horas de meio seculo de jejuns, e de abstinencias.

ODE VIII. pag. 20.

Amavel Cintra eu busco,
Pelos zephyros brandos agitada.

Imitação de Hor. L. III. Ode. I.
... Zephyris agitata Tempe.

ODE IX. pag. 22.

Emb'ora contra amor, emb'ora um sabio
Ostentasse defesa.

Diogenes, philosopho cynico, o qual ostentava viver exempto de amor, e desprezar as mulheres. Vid. Dicc. de Bayle, art. Diog.

ODE XII. pag. 28.

Traducção da Ode IX do L. III das de Horacio.

Aventurei-me a traduzir esta ode a mais delicada e por ventura a mais perfeita de todas as de Horacio. E' de notar, e não menos de sentir, que Elpino Duriense na sua litteral, e excellente versão das odes de Horacio suprimisse esta tam linda, tam cheia de mimo, e que nada tem que encontre os costumes, e a religião!

ODE XIII. pag. 31.

Das lindas graças no jardim viçoso,

O jardim do Sr. Morgado de Assentis, por elle cultivado com desvelo, e frequentado pelas Senhoras da sua familia.

Pag. 31.

E aonde mão symbolica entalhara
Mysteriosos disticos,...

Disticos enigmaticos, que em varios logares do citado jardim, escreveu o Sr. V. P. Bastos.

Pag. 31.

Alli, ou na mansão a que tu mesmo
Um nome déste, que o retiro indica.

Uma casa, ou gabinete de estudo, no citado jardim, a que o Sr. Assentís poz nome Thebaida.

Pag. 31.

Leucacio prazenteiro, ás musas grato.

Leucacio Fido, o Sr. José Theotonio Canuto de Forjó, traductor de Tacito, e muito bom philosopho, e litterato.

Pag. 31.

O Joven, mas accerrimo estudioso.

O Sr. Alexandre Herculano de Carvalho, perito nas linguas modernas, e excellente poeta, e litterato.

Pag. 32.

Aquelle, que de amor, em lyra Eolia.

O A. descreve-se a si, n'esta e na seguinte strophe.

Pag. 32.

Esse outro, que discipulo d'Euterpe.

O Sr. V. P. Bastos, já acima mencionado.

ODE XIV. pag. 36.

Quanto soffrer devemos nós, que amâmos
Da humanidade as leis. . .

O A. só pôde emigrar nos fins do anno de 1830, em que passou a Inglaterra, e d'alli á Ilha Terceira. Em todo tempo que precedeu esta epocha viu-se exposto, por seu constante patriotismo, e amor da liberdade, a uma perseguição cruel, e a crises defficeis de descrever.

LIVRO II.

ODE III. pag. 44.

Junctas co'as Nymphas as decentes Graças.

E' traducção litteral d'este verso:

Junctæque Nymphis graciæ decentes.
Hor. *Lib. I. Ode. IV.*

ODE VII. pag. 51.

Augur Apollo.

Este verso é de Hor. na Ode. II. do Lib. I. e como póde ser tanto portuguez, como latino, agrada-me transcrevel-o aqui.

Pag. 53

E já nas praias de Lavinia cedem.

O Lacio, ou paiz dos Latinos, aonde Enéas, fugindo de Troia, veio aportar; cujo nome vem de Lavinia, Filha de Latino, que Enéas houve em casamento, depois de ter vencido a Turno seu rival.

ODE X. pag. 59

Cantor Meonio nas douradas chórdas
Alça-lhe o preço.

Homéro traz uma bellissima descripção do cinto de Venus, no L. XIV da Iliada.

Pag. 59.

Effeito grato, de que origem fôra
Dádiva tua.

Tinha feito presente a Phaôn de um vaso odorifero, por cuja virtude se tornou o mais perfeito, e amavel dos homens.

Pag. 60.

A irman das Musas da brilhante Grecia.

Sappho, inventora de um metro, a que deu seu nome e natural de Lesbos. Os habitantes de Mitilene cunharam seu retrato sobre uma moeda, e a Grecia inteira a chamou sua decima Musa, pela excellencia, e harmonia de seus versos.

Lesbia, Pieris Sappho soror addita Musis.
Aus. Epig. XXXI.

Et enim apud Musas non indigna, est commemoretur Sappho.
Plut. de Amor.

Pag. 60.

Abandonada nas Trinacrias ondas.

De Trinacria, ou Triquetra, a Sicilia, assim chamada pela sua figura, e aonde Sappho, havendo deixado a Grecia, veio demandar a Phaon, ao qual não podendo enternecer, se arrojou ao mar do rochedo de Leucate.

ODE XIV. pag. 66.

Zomba dos medos de Acheronte avaro.

Virgilio, falando de Lucrecio, exprime-se deste modo.

Felix qui potuit rerum cognoscere causas,
Atque metus omnis, et inexorabile fatum
Subjecit pedibus, strepitumque Acherontis avari.
Georg. L. II. in fine.

A qual passagem, muito de proposito, imitei aqui.

ODE XV. pag. 168.

Esta ode é imitada de uma de Sappho, traduzida por Catullo, que começa:

> Ille mi par esse Deo videtur,
> Ille... &

Boileau a traduziu tambem. e a sua traducção passa por um modelo entre os conhecedores:

LIVRO III.

ODE X. pag. 91.

> Crebro sonido nos ouvidos freme;
> Turba-se a vista.

> ... Sonito suopte
> Tintinant aures, gemina teguntur
> Lumina nocte.
>
> Catul. Ode ad Lesbiam.

ODE XVII. pag. 104

> Pan não faria resoar mais branda
> Mellica flauta.

Pan Deus dos pastores, e protector dos gados, foi inventor da flauta, que tocava com perfeição. Conta-se que a formou, unindo com cera nova diversas canas.

> Pan primus calamos cera conjungere plures
> Instituit...
>
> Virg. Ecl. II.

LIVRO IV.

Pag. 112.

De trezentos guerreiros protegido,
A entrada das Termopylas defende.

Leonidas, rei de Esparta, defendeu a passagem das Termopylas, com trezentos Espartanos, no anno 1.° da LXXV Olympiada; segundo refferem Horodoto, Plutarco, e outros.

Este extraordinario facto da antiga historia, é attestado por todos os historiadores. Voltaire, ao passo que duvida de outros, concede a este inteira possibilidade. Vid. o eloquente Prefacio á Historia de Carlos XII, em que diz:

Une Armée de innombrable do Perses, arretée par trois cents Spartiates au passage des Termopyles, ne me revolte point: l'assiete do terrein rend l'aventure croyable.

Pag. 119.

Foi Leobaldo eximio...

Este nome é supposto; pois o A. tem por dever não declarar o verdadeiro.

LIVRO V.

Pag. 146.

Vou ver as praias do Bósphoro.

Visam gementis littora Bosphori
Syrteisque...

Hor. L. II. Ode. XX.

LIVRO VI.

LYRA ANACREONTICA.

As Odes, que compoem esta Lyra, sam, pela maior parte, producção dos meus primeiros annos, e como um ensaio, que eu n'aquelles tempos fiz da poesia, que já então amáva. A singeleza do styllo, e do conceito, por certo revélam o meu coração, e mostram os primeiros pensamentos de um rapaz, que começa a sentir.

INDEX.

LIVRO I.

ODES.

LIVRO II.

ODES SAPPHICAS.

LIVRO III.

ODES SAPPHICAS.

LIVRO IV.

LIVRO V.

LIVRO VI.

LYRA ANACREONTICA.